

PRIMEIRAS

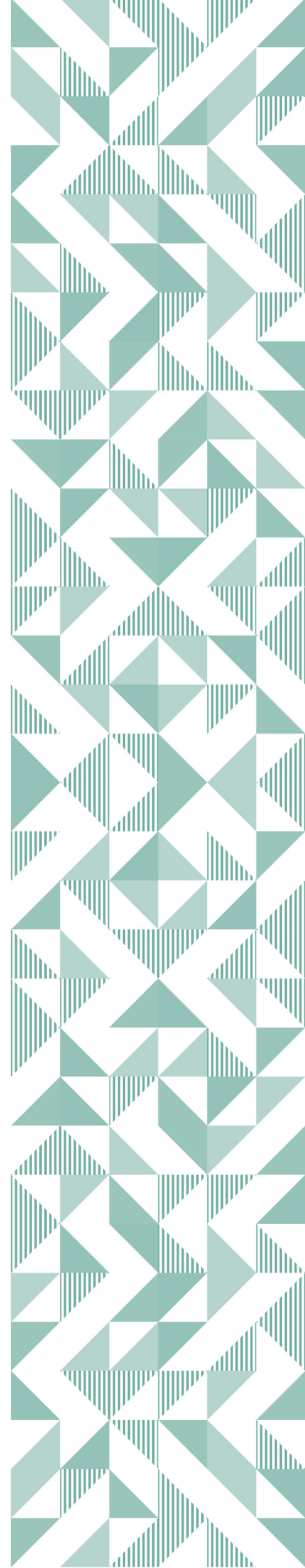
TRA

VES

SIAS

PERCURSOS FORMATIVOS NO
PRIMEIRO ANO DA TERAPIA
OCUPACIONAL

COLEÇÃO TRAVESSIAS:
TERAPIAS OCUPACIONAIS – UNIFESO
VOLUME I



**PRIMEIRAS TRAVESSIAS:
PERCURSOS FORMATIVOS NO
PRIMEIRO ANO DA TERAPIA
OCUPACIONAL**

COLEÇÃO TRAVESSIAS:
TERAPIAS OCUPACIONAIS – UNIFESO
VOLUME I

TERESÓPOLIS – RJ
2026

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – FESO

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Presidente

Jorge Farah
Vice-Presidente

Luiz Fernando da Silva
Secretário

Carlos Alberto Oliveira Ramos da Rocha
José Luiz da Rosa Ponte
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa
Vogais

Luis Eduardo Possidente Tostes
Direção Geral

Michele Mendes Hiath Silva
Direção de Planejamento

Ana Claudia Baddini dos Santos
Direção Administrativa

Fillipe Ponciano Ferreira
Direção Jurídica

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – UNIFESO

Verônica Santos Albuquerque
Reitora

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Direção de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Mariana Beatriz Arcuri
Direção Acadêmica de Ciências da Saúde

Vivian Telles Paim
Direção Acadêmica de Ciências e Humanas e Tecnológicas

Anne Rose Alves Federici Marinho
Direção de Educação a Distância

HOSPITAL DAS CLÍNICAS COSTANTINO OTTAVIANO – HCTCO

Rosane Rodrigues Costa
Direção Geral

CENTRO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – CESO

Roberta Franco de Moura Monteiro
Direção

CENTRO CULTURAL FESO PROARTE – CCFP

Edenise da Silva Antas
Direção

Copyright© 2026
Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

EDITORA UNIFESO

Comitê Executivo

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel (Presidente)

Conselho Editorial e Deliberativo

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Mariana Beatriz Arcuri
Verônica dos Santos Albuquerque
Vivian Telles Paim

Assistente Editorial

Matheus Moreira Nogueira

Formatação

Matheus Moreira Nogueira

Capa

Gerência de Comunicação

Revisão Textual

Barbara Iung

P95 Primeiras travessias : percursos formativos no primeiro ano da Terapia Ocupacional / [organizadoras Anna Carolina Santos, Danielle Aprigio]. – Teresópolis, RJ : Editora Unifeso, 2026.
43 p. : il. color. – (Coleção travessias: terapias ocupacionais – Unifeso volume I)

ISBN: 978-65-5320-070-8

1. Terapia Ocupacional. 2. Formação. 3. Unifeso. I. Santos, Anna Carolina. II. Aprigio, Danielle. III. Título. IV. Série.

CDD 615.8515

EDITORA UNIFESO

Avenida Alberto Torres, nº 111

Alto – Teresópolis – RJ – CEP: 25.964-004

Telefone: (21) 2641-7184

E-mail: editora@unifeso.edu.br

Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO.....	10
A TERAPIA OCUPACIONAL NO UNIFESO: FORMAÇÃO EM SAÚDE, SIMBIOSE COM O SUS E A MISSÃO DE TRANSFORMAÇÃO REGIONAL.....	11
<i>Danielle de Paula Aprigio Alves</i>	
AS ATIVIDADES HUMANAS: ENGAJAMENTO NA FORMAÇÃO CRÍTICO-SENSÍVEL EM TERAPIA OCUPACIONAL.....	15
<i>Carla Regina Silva</i>	
CORPO, ARTE E TERAPIA OCUPACIONAL: ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A FORMAÇÃO.....	18
<i>Renata Caruso Mecca</i>	
TERAPIA OCUPACIONAL E TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE: UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL DO COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS OCUPACIONAIS DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+	23
<i>Erickson F. dos Santos Miranda</i>	
SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA, ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E TERAPIA OCUPACIONAL	28
<i>Lorena Henriete Araujo Dias</i>	
A FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS ENTRE GRADUANDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL	32
<i>Raphael Aguiar Leal Campos</i>	
QUANDO A ARTE ENCONTROU A TERAPIA OCUPACIONAL	35
<i>Luiz Felipe Brandão Augusto</i>	
NARRATIVAS DE TRAVESSIA	
PERCURSOS FORMATIVOS NA DISCIPLINA DESENVOLVIMENTO DO ADULTO AO IDOSO: EXPERIÊNCIAS DA TURMA INAUGURAL.....	40
<i>Dirley P. Brito</i>	
A CONFECÇÃO DA PRIMEIRA ÓRTESE	43
<i>Wilton Fernandes Soares Neto</i>	

ORGANIZADORAS

ANNA CAROLINA SANTOS

Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Mestre em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em Atenção Primária à Saúde com ênfase em Saúde da Família e em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pelo Instituto Líbano (São Paulo). Docente do curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) e Supervisora Clínica da Equipe Multiprofissional Territorial da Atenção Psicossocial do município do Rio de Janeiro (Deambulatório). Cofundadora e atual vice-coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos Integrados às Atividades e à Terapia Ocupacional Isé, vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina (UFRJ). Integra o Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO/CNPq) e coordena a linha de pesquisa Atividades Afrorreferenciadas, Negritude e Terapia Ocupacional (AHTO/CNPq). Desenvolve pesquisas nas áreas do Cuidado, Cotidiano e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.

DANIELLE APRIGIO

Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos, com especialização em Fisioterapia Neurofuncional e Residência Multiprofissional em Atenção Básica à Saúde da Família. Mestre e Doutora em Saúde Mental pelo IPUB/UFRJ e atualmente pós-doutoranda na mesma instituição. Atua como docente no UNIFESO e na pós-graduação em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem e Reabilitação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de coordenar o curso de Terapia Ocupacional. Possui experiência na Atenção Básica, contexto hospitalar e formação em saúde. Desenvolve pesquisas nas áreas de Saúde Coletiva, Neurofuncional, Neurociências e Saúde Mental.

PREFACIADORAS

ANNA CAROLINA SANTOS

MARCIA CABRAL DA COSTA

Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o Laboratório de Estudos Africanos Integrados às Atividades e à Terapia Ocupacional – Isé/UFRJ e desenvolve pesquisas sobre epistemologias afro-diaspóricas, saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, negritude e Terapia Ocupacional. Graduada em Terapia Ocupacional e Fisioterapia pela Universidade Castelo Branco, é mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, com especializações em Clínica Transdisciplinar e Instituição Pública, História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Agroecologia e Sustentabilidade. Atuou na coordenação dos cursos de Terapia Ocupacional da UFRJ e do IFRJ e na gestão universitária como Superintendente de Saberes Tradicionais do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

AUTORES

DANIELLE APRIGIO

CARLA REGINA SILVA

Terapeuta Ocupacional (2001), com Aprimoramento Profissional em Saúde Mental Infantojuvenil (2003). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2007 e 2012). Pós-graduação lato sensu em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado (2015). Pós-doutorado pela Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya (UVic), Barcelona, Espanha (2019). Professora do curso de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional (PPGTO) da Universidade Federal de São Carlos, além de atual secretária da Secretaria Geral de Arte e Cultura da instituição (desde 2025). Líder do Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional e pesquisadora do Grupo Terapia Ocupacional e Cultura. Integra o Coletivo de Estudos em Terapia Ocupacional como Produção de Vida. Desenvolve pesquisas nos campos da cultura, arte, cuidado, direitos, demandas sociais e perspectivas críticas decoloniais e contracoloniais na Terapia Ocupacional.

DIRLEY PEREIRA BRITO

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos. Pós-graduado em Acupuntura pela FIG, com especializações internacionais em Acupuntura Clássica Chinesa e Homeopatia pelo Logos College International. Pós-graduado em Ciências da Homeopatia pela FACMED/FABIC. Professor dos cursos de Graduação em Terapia Ocupacional e Fisioterapia do UNIFESO. Responsável pela Liga Acadêmica de Fisioterapia em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Atua como fisioterapeuta no CIAS – Centro Integrado de Atenção à Saúde – Clínica-Escola de Fisioterapia do UNIFESO, além de instrutor do Método Pilates na Conduta Cinesioterapêutica e fisioterapeuta responsável em instituição de longa permanência para idosos. Possui atuação também em Quiropraxia Oriental – Seitai.

ERICKSON FRANKLIN DOS SANTOS MIRANDA

Doutorando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Estudos da Ocupação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Atenção Básica e Saúde da Família pela PRMABSF/SMSJG. Desenvolve pesquisas em Teoria da Interseccionalidade e Terapia Ocupacional, Políticas Públicas e Terapia Ocupacional, com ênfase em saúde mental, contextos de vida e cuidado da população negra e LGBTQIA+.

LORENA HENRIETE ARAUJO DIAS

Terapeuta Ocupacional pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Saúde da Família e Atenção Básica pela UEPA. Desenvolve pesquisas nas áreas de Terapia Ocupacional Social, Atenção Primária à Saúde e Saúde da População Negra.

LUIZ FELIPE BRANDÃO AUGUSTO

Possui licenciatura em Filosofia e em Arte, além de especializações em Literatura, Filosofia Moderna e Contemporânea, Musicoterapia e História da Arte, e mestrado em Ciências. É professor de Arte concursado no município de Teresópolis/RJ, coordenador do Programa de Arte do Centro Universitário Serra dos Órgãos (PLAMC/UNIFESO) e docente nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos. Também atua como docente de Arte e História da Arte no Colégio e Curso Ponto de Apoio. É profissional filiado à FAEB – Federação de Arte/Educadores do Brasil – e desenvolve trabalhos artísticos em pintura, música e fotografia.

RAPHAEL AGUIAR LEAL CAMPOS

Graduado em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Filosofia pela Centro Universitário Internacional. Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem pela PUC-RS. Mestre em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do curso de Graduação em Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos e coordenador do Projeto de Extensão Mundo Leitor. Desenvolve pesquisas nas áreas de Educação Escolar, Educação Não Escolar e Pedagogia Social.

RENATA CARUSO MECCA

Terapeuta Ocupacional pela Universidade de São Paulo, com especializações em Saúde Mental e Interfaces da Arte e da Saúde, e em Acessibilidade Cultural. Mestre em Ciências da Reabilitação pela FMUSP, Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e pós-doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (2024). Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisas nas interfaces entre artes, cultura e saúde, práticas artísticas e corporais na Terapia Ocupacional e linguagens artísticas como metodologias de pesquisa.

WILTON FERNANDES SOARES NETO

Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Terapia da Mão pela Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas nas áreas de ortopedia, traumatologia, reumatologia e contexto hospitalar.

APRESENTAÇÃO

Travessias nasce inspirado no próprio território de Teresópolis, cidade atravessada por montanhas, trilhas, subidas, neblinas e caminhos que exigem presença, resistência e sensibilidade. Nas serras que compõem esta paisagem, toda travessia implica deslocamento, encontro, transformação e construção coletiva do percurso. Não se atravessa sozinho (e tampouco se sai de uma travessia da mesma maneira que se entrou).

É nessa perspectiva que pensamos a formação em Terapia Ocupacional: como um processo vivo, feito de experiências, afetos, desafios, descobertas e encontros com diferentes modos de existir. Tornar-se terapeuta ocupacional é também percorrer caminhos muitas vezes íngremes, aprendendo a sustentar o cuidado, a escuta e a invenção de possibilidades no cotidiano.

Assim, este livro inaugura a coleção Travessias Terapias Ocupacionais - UNIFESO, reunindo narrativas, experiências e produções que acompanham os percursos formativos construídos no primeiro ano do curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos. Mais do que registrar práticas acadêmicas, a coleção busca afirmar a formação como movimento, território de criação e compromisso ético com a vida, com a diversidade e com os modos plurais de cuidar.

Anna Carolina Santos

Professora do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos

PREFÁCIO

No primeiro ano da graduação em Terapia Ocupacional da Centro Universitário Serra dos Órgãos, iniciamos uma travessia que compreende a docência como acompanhamento de processos. Aprender, aqui, não é acumular conteúdos, mas abrir-se ao encontro, às perguntas que movem e à construção compartilhada de caminhos. Cada passo formativo convida a perceber que o cuidado nasce na relação e se fortalece na escuta sensível do outro e de si.

As ciências terapêuticas ocupacionais nos convocam a pesquisar, acompanhar e estudar com as pessoas, e não apenas sobre elas. Nesse gesto, o conhecimento deixa de ser distante para tornar-se experiência viva, capaz de ampliar mundos e reconhecer a potência das diferenças. Formar-se terapeuta ocupacional é exercitar modos éticos, políticos, estéticos e afetivos de estar com os outros, acolhendo a pluralidade das existências humanas.

Que este livro seja memória viva dos processos em construção durante este primeiro ano de curso e também bússola e companhia para docentes, discentes e parceiros dessa caminhada. Que suas páginas inspirem práticas comprometidas com a liberdade, a criação e a justiça cotidiana, fortalecendo uma atuação contracolonial, sensível e inventiva. Afinal, o processo de ensino e aprendizagem do tornar-se terapeuta ocupacional acontece no movimento indissociável de cuidado consigo e com o outro.

Que o início desta jornada acadêmica seja também o despertar de uma sensibilidade profissional capaz de reconhecer, nos gestos mais simples do cotidiano, possibilidades de transformação. Entre estudos, experiências práticas, encontros e descobertas, que cada estudante possa alinhar-se à sua própria forma de cuidar, aprendendo, como nos ensina Mari Quarentei, a sacralidade das atividades — essa potência sagrada e cotidiana que habita o fazer humano e transforma cada atividade em espaço de vida, criação e sentido.

Vivas, viva a Terapia Ocupacional!

Anna Carolina Santos

&

Marcia Cabral da Costa

Professora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Abril, 2026.

A TERAPIA OCUPACIONAL NO UNIFESO: FORMAÇÃO EM SAÚDE, SIMBIOSE COM O SUS E A MISSÃO DE TRANSFORMAÇÃO REGIONAL

Danielle de Paula Aprigio Alves

Coordenação de Curso Terapia Ocupacional – Unifeso (2025)

INTRODUÇÃO

A formação e o exercício profissional no setor saúde devem coexistir em simbiose com os sistemas de cuidado, superando a lógica de linhas paralelas em favor de uma relação orgânica. Nessa perspectiva, a academia transcende seu papel tradicional, tornando-se catalisadora de serviços, âncora para a fixação de profissionais, potencializadora do trabalho em equipe e desenvolvedora de tecnologias de cuidado (Batista & Gonçalves, 2011). Acima de tudo, fomenta a sensibilidade e a compreensão crítica nos futuros trabalhadores da saúde.

Neste contexto, a criação do curso de Terapia Ocupacional no Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso) configura um marco na Região Serrana do Rio de Janeiro, fortalecendo tanto o cenário educacional quanto as políticas públicas de saúde. Sua implantação consolida o compromisso institucional com a formação de profissionais alinhados aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) (Brasil, 2002), aptos a responder às complexas necessidades sociais, culturais e de saúde da população (Roriz, Lins & Farias, 2023).

No panorama nacional, a indissociabilidade entre a formação em saúde e as demandas do SUS é mandatória. Por força constitucional (Art. 200, inciso III), cabe ao Sistema Único de Saúde ordenar a formação de recursos humanos, pautando-se nas necessidades sociais e nos perfis epidemiológicos e demográficos regionais (Brasil, 1980; Ceccim & Pinto, 2007). Nesta ótica, a formação é compreendida não apenas como instrumento de fixação de profissionais e de produção de conhecimento socialmente comprometido, mas como vetor de serviços e de desenvolvimento local.

O imperativo do enfrentamento das desigualdades e da promoção dos direitos humanos exige, das graduações em saúde, a formação de profissionais sensíveis à complexidade territorial e capacitados para a atuação em toda a rede de atenção, da atenção básica ao cuidado especializado (Ceccim & Pinto, 2007). A própria transformação do modelo assistencial – que migra do enfoque hospitalocêntrico para a integralidade do cuidado em redes interdisciplinares – demanda competências plurais e um compromisso ético inegociável com o usuário.

Neste cenário, a Terapia Ocupacional assume centralidade. Ao utilizar a atividade humana como cerne terapêutico, ela promove a autonomia e a plena inclusão de sujeitos em suas complexas dimensões (físicas, psíquicas, sociais e culturais) (Roriz, Lins & Farias, 2023). Sua inserção no Unifeso não apenas expande o leque de ações multiprofissionais na região, mas também contribui diretamente para a consolidação das redes públicas de cuidado, a defesa dos direitos humanos e o avanço do campo no contexto nacional.

A TRAJETÓRIA E PROCESSO DE EXPANSÃO DO UNIFESO

A trajetória da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (Feso), nascida em Teresópolis (RJ) em 1966, é o espelho de um engajamento comunitário perene, focado no desenvolvimento educacional e social da região. Instituída como fundação de direito privado e sem fins lucrativos, a Feso emergiu da visão de um grupo de idealistas, cujo propósito era a transformação local catalisada pela educação. Embora idealizada inicialmente para o ensino

médio, a instituição rapidamente migrou para o ensino superior, inaugurando em 1970 a Faculdade de Medicina de Teresópolis (FMT), uma resposta direta à carência de vagas na saúde (UNIFESO, 2022, p. 35).

Nos anos subseqüentes, a Feso experimentou uma expansão significativa. A oferta educacional foi ampliada com novos cursos e unidades, acompanhada de investimentos em infraestrutura (como a Fazenda Quinta do Paraíso) e da consolidação de sua presença na saúde, notadamente pela criação de clínicas-escola e parcerias estratégicas, como o Hospital das Clínicas de Teresópolis – uma referência regional. Diversificou, ainda, seu alcance para as esferas cultural, social e de pesquisa, materializando-se em núcleos como o de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (DPPE) e o Centro Cultural Feso/Pró-Arte (UNIFESO, 2022, p. 37).

Em 2006, essa evolução culminou no reconhecimento oficial como Centro Universitário, instituindo o Unifeso. Com a missão de promover educação, ciência, cultura, tecnologia e inovação, o Unifeso adotou uma gestão acadêmico-administrativa moderna e integrada. Hoje, a instituição se consolida como um polo regional de desenvolvimento educacional e social, atuando em diversas modalidades de ensino, marcada por um forte compromisso comunitário e vocação para a excelência na formação.

CRIAÇÃO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NO UNIFESO

O curso de Terapia Ocupacional no Unifeso foi concebido como a convergência entre uma demanda social e de mercado e as sólidas condições estruturais e institucionais da Universidade. Mais que ampliar a oferta de graduação, sua criação é um compromisso intrínseco com as necessidades da população, alinhado ao planejamento estratégico de fortalecimento das áreas da saúde.

A proposta ressoa com a rica trajetória da Terapia Ocupacional no Brasil, iniciada na década de 1940 sob a égide do movimento internacional de reabilitação e das políticas para pessoas com deficiência. O marco da formação superior se deu em 1956, na Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro. Sua regulamentação legal foi estabelecida pelo Decreto-Lei nº 938/69, consolidada pela Lei nº 6.316/75, que assegurou o exercício profissional e a atuação dos conselhos fiscalizadores (Brasil, 1969).

Nas últimas décadas, a Terapia Ocupacional ampliou seu escopo, firmando-se como profissão essencial na saúde e ganhando inserções estratégicas nos contextos social, educacional e cultural. Fundamentada no uso da atividade humana como recurso terapêutico central, a profissão promove a autonomia, a inclusão e o bem-estar, intervindo nas barreiras físicas, emocionais e sociais que comprometem o desempenho na vida diária, trabalho e lazer.

A implantação do curso é umbilicalmente ligada à realidade de Teresópolis, na Região Serrana, marcada pela dicotomia entre sua riqueza ambiental e as profundas desigualdades socioeconômicas. O trauma da tragédia ambiental de 2011, que expôs a urgência de ações integradas em saúde, assistência e educação, reitera o papel estratégico do Unifeso como agente formador e provedor de serviços essenciais à comunidade.

A criação do curso reitera o compromisso institucional com o desenvolvimento sustentável e a formação de profissionais generalistas, capacitados para atuar em qualquer contexto nacional. Ele se integra à consolidada estrutura multiprofissional do Unifeso, que já responde por cerca de 20 mil atendimentos anuais em reabilitação no Centro Integrado de Atenção à Saúde (CIAS) e no Hospital das Clínicas de Teresópolis (HCTCO), principal referência de saúde pública regional.

A Terapia Ocupacional é um campo estratégico para a saúde coletiva, oferecendo ações preventivas, assistenciais e reabilitadoras em todas as fases da vida e em cenários diversos (hospitais, unidades básicas, clínicas, escolas, programas de saúde mental e geriatria). O mercado de trabalho, em franca expansão, oferece oportunidades crescentes nos setores público e privado, bem como no ensino superior e na gestão em saúde.

O curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional no Unifeso foi autorizado pela Portaria PO/GR/E/009/2024, de 10 de maio de 2024. Oferecido na modalidade presencial, disponibiliza 200 vagas anuais,

com carga horária total de 3.200 horas, distribuídas em uma integralização mínima de 8 (4 anos) e máxima de 12 semestres (6 anos). O objetivo é prover uma formação generalista, preparando profissionais para atuar em todo o território nacional, em áreas de expansão como atenção básica, saúde mental, saúde do idoso, políticas sociais e educação.

O PAPEL ESTRATÉGICO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO (IES) E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

As Instituições de Ensino Superior (IES) detêm uma posição estratégica, tanto na formação de profissionais engajados com a realidade social quanto no desenvolvimento científico de soluções para os desafios contemporâneos. Em um país de profundas desigualdades como o Brasil, cabe às universidades a tríade inseparável: articular ensino, pesquisa e extensão com as demandas do SUS, forjando não apenas competência técnica, mas, sobretudo, sensibilidade social e compromisso ético (Trindade & Prigenzi, 2002).

O Unifeso, em Teresópolis, é um sólido exemplo dessa atuação integrada. Desde a fundação da Faculdade de Medicina, em 1970, e a gestão do Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino Ottaviano (HCTCO) – referência máxima em atenção secundária e terciária do SUS na região – a instituição consolidou um modelo acadêmico umbilicalmente ligado ao território. O Centro Integrado de Atenção à Saúde (CIAS), com seus 20 mil atendimentos anuais em reabilitação, é a prova viva do potencial formativo e de impacto social da prática multiprofissional em saúde.

A abertura do curso de Terapia Ocupacional em 2024 sela esse compromisso. Ele expande o espectro das práticas em saúde, educação, assistência social e cultura, permitindo que os estudantes forjem competências a partir da realidade concreta dos sujeitos. O curso é, portanto, mais que uma resposta à carência profissional: é um projeto de fortalecimento do SUS, de promoção dos direitos humanos e de consolidação da Terapia Ocupacional como agente de transformação social.

Nesse contexto, a curricularização da extensão – estabelecida pela Resolução nº 7/2018 do MEC – emerge como via primordial para integrar ensino e serviço (Brasil, 2018). Ao aproximar os discentes das demandas comunitárias, estimula-se a produção de conhecimento aplicado. A formação, assim, rompe os limites da sala de aula, constituindo-se em um movimento de construção coletiva de saberes, focado na emancipação e no cuidado integral. Dessa forma, as IES, a exemplo do Unifeso, assumem o papel de catalisadores de soluções sustentáveis para seus territórios, formando profissionais críticos, aptos a enfrentar o *zeitgeist* contemporâneo e a transformar realidades por meio da ciência e do cuidado.

REFERÊNCIAS

BATISTA, K. B. C.; GONÇALVES, O. S. J. Formação dos profissionais de saúde para o SUS: significado e cuidado. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 4, p. 884–899, out. 2011.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 938, de 13 de outubro de 1969**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Fisioterapeuta e Terapeuta Ocupacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 107, n. 197, p. 8769, 14 out. 1969. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0938.htm. Acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 128, n. 182, p. 18055, 20 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm. Acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Superior (CES). **Resolução CNE/CES n. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Institui as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília, DF: CNE/CES, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares: cursos de graduação**. Brasília, DF: MEC, [2002]. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 20 out. 2025.

CECCIM, R. B.; PINTO, L. F. A formação e especialização de profissionais de saúde e a necessidade política de enfrentar as desigualdades sociais e regionais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 3, p. 266–277, set. 2007.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS (UNIFESO). Plano de Desenvolvimento Institucional PDI 2023-2027: aprovado pelo Conselho Superior Universitário Resolução CONSU n. 015/2022. Teresópolis: UNIFESO, 2022. 199 p. Disponível em: <https://www.unifeso.edu.br/uploads/8fcc24c0fd5e2ca5e638e0568e-051d4a.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

RORIZ, D. V.; LINS, S. R. A.; FARIAS, M. N. Terapia ocupacional e educação: um estudo documental sobre a formação acadêmica. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, p. e3474, 2023.

TRINDADE, J. C. S.; PRIGENZI, L. S. Instituições universitárias e produção do conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 4, p. 09–14, out. 2002.

AS ATIVIDADES HUMANAS: ENGAJAMENTO NA FORMAÇÃO CRÍTICO-SENSÍVEL EM TERAPIA OCUPACIONAL

Carla Regina Silva

Os processos de formação são alicerçados por uma série de princípios que fundamentam toda a estrutura curricular. Esses alicerces têm o propósito de promover os elementos constitutivos essenciais, considerando o que se espera desse futuro profissional. É uma aposta pedagógica intencional, cuidadosamente tecida em toda a malha pedagógica, para que todo o caminho formativo possa oferecer uma gama de conceitos, teorias, práticas, experimentações e éticas. O objetivo final é o desenvolvimento de uma perspectiva singular, capacitando esse profissional para que esteja apto a responder, com competência e sensibilidade, às complexas demandas de seu campo de atuação.

Na formação graduada em Terapia Ocupacional este caminho não é diferente, mas ganha contornos únicos, dada a urgência de uma prática crítica, engajada, situada e comprometida com cotidianos de pessoas, coletivos e comunidades que mais sofrem com os processos de exclusão e desigualdades do mundo contemporâneo. Assim, os princípios curriculares transcendem a estruturação de disciplinas teóricas e práticas para se tornarem os pilares de um modo de ser/estar e intervir no mundo.

A perspectiva singular que almejamos desenvolver na formação de terapeutas ocupacionais comprometidos, antes de tudo, fundamenta-se em uma perspectiva crítica e sensível, capaz de decifrar o diálogo profundo entre o ser humano, as atividades humanas que o constituem em seus cotidianos, territórios e contextos de vida. Essa perspectiva irá capacitar o futuro terapeuta ocupacional não apenas a responder às demandas do campo, mas a cocriar, com pessoas, coletivos e comunidades, novas transformações e possibilidades de existência e cuidado.

O curso de graduação em Terapia Ocupacional, desenvolvido pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos, visa formar terapeutas ocupacionais com formação generalista, capazes de desenvolver ações de promoção e prevenção em saúde, comprometidos e aptos para atuar em diversas outras áreas de atuação.

O I Encontro de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional da Região Serrana do Rio de Janeiro, vinculado à disciplina Recursos Terapêuticos Ocupacionais, ministrada pela Profa. Me. Anna Carolina Santos, demonstra e exemplifica a importância de afirmar o conceito das atividades humanas e sua potência transformadora logo nos anos iniciais da formação.

O evento foi realizado em parceria com o Laboratório Isé (UFRJ) e o Grupo de Pesquisa “Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO” (cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2013). O grupo de pesquisa AHTO é referência nacional e internacional na temática das atividades humanas no campo da Terapia Ocupacional, possuindo dezenas de pesquisadoras e pesquisadores, publicações como livros, artigos, trabalhos e resumos, além de inúmeras propostas artístico-culturais. Trata-se de um grande coletivo engajado e comprometido com perspectivas contra hegemônicas na terapia ocupacional, que valorizam saberes-fazeres-sentires com compromisso ético-político-estético em prol da luta por pessoas e coletivos que mais sofrem com os processos de desigualdades e exclusões, dado sistema capitalista neoliberal, colonial e heterocisnormativo, entre outras matrizes de opressão. O Laboratório Isé (UFRJ) compõe a linha Atividades Afrorreferenciadas e Afroacessibilidade Cultural, Negritude e Terapia Ocupacional (AAAFRONTA) do grupo de pesquisa AHTO. Este coletivo é a maior referência no Brasil sobre as temáticas relacionadas às relações étnico-raciais e à Terapia Ocupacional, desenvolvendo uma série de projetos fundamentais para a construção e constituição de um campo de conhecimento afrorreferenciado na Terapia Ocupacional e suas interfaces.

o grupo AHTO vem se reconhecendo e se produzindo em resistência aos processos de dominação, para criar caminhos possíveis de realização dos sonhos comuns, sustentando formas diferentes de existir e protegendo e transformando a sociedade, a cultura e o meio ambiente. Quando nos perguntamos o que nos une, sabemos que não é a terminologia nem uma história única, mas a força de poder existir, sentir, agir e pensar sendo quem se é, em alianças afetivas que acolhem as diferenças e sustentam a criação e a vida em comum. Nesta rede que foi tecida coletivamente, pulsam o sensível e o crítico da terapia ocupacional, a arte, a cultura, o corpo, a atividade, a criação, o cuidado, os direitos e a produção da vida em comum (Cardinalli, Silva, Cardoso, 2024, p.19-20).

Sendo assim, o evento está alicerçado em um coletivo amplo que sustenta e alimenta os debates acadêmicos e socioculturais sobre a importância das atividades humanas para a Terapia Ocupacional, a partir de uma perspectiva comprometida e ética.

A terapia ocupacional se dedica a conhecer os valores e potencialidades da atividade humana no cotidiano de pessoal, grupos e comunidades, para investir conjuntamente com elas e elas em formas de enfrentamentos de dificuldades, desafios e desigualdades apresentadas singularmente como necessidades, desejos e sentidos. A experiência do encontro predispõe a um não controle sobre o que vai acontecer e uma oportunidade para perceber que essa é a beleza da vida. Na dedicação conjunta, promove-se um cuidado coletivo e criativo que constitui novas redes de relações de sustentação da vida (Cardinalli, 2025, p. 194-195).

Compreendemos as atividades humanas a partir de suas dimensões culturais e criativas, que sustentam e projetam a vida. Segundo Quarentei (2001, p.3), a atividade humana é um acontecimento num continuum incessante, plena de significados, que constitui territórios existenciais em defesa da vida e na “potência de expressão-criação de mais-vida”.

Nossa prática de cuidado considera a força potencializadora, mas também destrutiva dos seres humanos; por isso, a importância e urgência de uma perspectiva crítica-sensível para a Terapia Ocupacional. Cardoso (2023) afirma que a Terapia Ocupacional, diante de diferentes formas de conceber a produção das hegemonias, resiste, ou seja, age a partir de uma compreensão que articula, essencialmente, dimensões sensíveis e críticas, em uma abordagem ética, estética e política.

Ética por intervir no plano da vida, em seus movimentos de afirmação e resistência. Estética por tomar a vida como obra de arte, potência de criação, inauguração e beleza. E política por se comprometer com a explicitação dos jogos de forças micro e macropolíticos que operam na produção da vida; lutar pelas diferenças, pelos direitos e pela cidadania; e buscar constantemente defender forças e experiências singulares coletivas-plurais (Cardoso, 2023, p. 209).

Por isso, as práticas terapêuticas ocupacionais podem romper com processos de vulnerabilização, apesar das condições macrossociais, de forma a compreender os processos de cuidado e subjetivação como resistências ao instituído. Tal como Santos (2024, p. 60) nos aponta, as atividades humanas “como elementos dinâmicos e significativos na vida das pessoas, permitindo uma prática mais engajada e sensível às realidades individuais e coletivas”. E isso também se dá na relação das atividades humanas junto a corpos humanos e não humanos, tais como materiais, objetos, materialidades, coisas de naturezas orgânicas e não orgânicas, que se apresentam como “potentes vetores de subjetivação”, tal como nos ensina Costa (2017, p. 143).

Dado o significado da atividade humana para a constituição da Terapia Ocupacional, em especial brasileira, se expressa a importância da manutenção e continuidade do evento ‘Encontro de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional da Região Serrana do Rio de Janeiro’. O evento visa a corroborar com a atualização dos debates e da construção de conhecimento no campo, tanto para futuros terapeutas ocupacionais, quanto para a formação continuada de profissionais.

REFERÊNCIAS

- CARDINALLI, Isadora. **Ninho de nós**: sentidos da atividade humana em terapia ocupacional. São Paulo: Hucitec, 2025.
- CARDINALLI, Isadora; SILVA, Carla Regina; CARDOSO, Paula Tatiana. Ética, resistencia y creación: trayectorias y experiencias formadoras de AHTO. In: SILVA, Carla Regina; DACUÑA VÁZQUEZ, Inés; MESÍAS LEMA, José María (org.). **Resistencias éticas y derechos humanos**: prácticas artísticas con la comunidad. [S. l.]: McGraw-Hill Interamericana de España, 2024.
- DACUÑA VÁZQUEZ, Inés; MESÍAS LEMA, José María (org.). **Resistencias éticas y derechos humanos**: prácticas artísticas con la comunidad. [S. l.]: McGraw-Hill Interamericana de España, 2024.
- CARDOSO, Paula Tatiana. **(R)existências afirmadas em terapia ocupacional**: vestígios e fabulações. 2023. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/17455>.
- COSTA, Marcia Cabral. **Clínica anímica**: agenciamentos entre corpos humanos e não-humanos como produção de subjetividade. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2017. Disponível em: https://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2017_t_Marcia_Cabral.pdf.
- QUARENTEI, Mariângela Scaglione. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7., 2001, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: [s. n.], 2001. p. 1-8.
- SANTOS, Anna Carolina. **Terreiro e cotidiano**: contribuições para outras perspectivas de cuidado voltadas para pessoas negras. 2024. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21190>.

CORPO, ARTE E TERAPIA OCUPACIONAL: ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A FORMAÇÃO

Renata Caruso Mecca

A interface da Terapia Ocupacional com as artes e o corpo oferece uma multiplicidade de experiências para a formação de terapeutas ocupacionais para que possam atuar em quaisquer das áreas da profissão (Castro *et al.*, 2009), não se restringindo àquelas cujas linguagens artísticas estariam mais diretamente associadas, como a saúde mental e a cultura.

Essas experiências práticas implicam uma aprendizagem inventiva e um cuidado de si (Lieberman *et al.*, 2017), que convocam o corpo a se questionar em seus padrões de funcionamento, a se experimentar em novos modos de fazer e a se transformar. Também problematizam as perspectivas teóricas sobre corpo e arte de maneira a se afinar com uma posição ético-político-estética que compreende o corpo como processo em contínua produção; a saúde intrinsecamente aliada à criação de si e de mundos; e que considera a agência e visibilidade de grupos minoritários e vulnerabilizados na construção de um mundo em comum.

Neste texto, apresentaremos de maneira breve um panorama de perspectivas teóricas que nos orientam para a formação nessa interface, de maneira a introduzir o leitor e convidá-lo a se envolver de forma mais aprofundada nos estudos do corpo e das artes e nas experiências práticas com as linguagens artísticas e as práticas corporais.

CORPO EM PROCESSO

Duas perspectivas distintas sobre o corpo se tensionam quando tratamos da formação de terapeutas ocupacionais, em especial quando o *locus* dessa formação são as instituições ligadas ao saber biomédico, como é o caso da maioria dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional.

A perspectiva cartesiana de corpo ainda se apresenta como hegemônica em grande parte das instituições de ensino superior voltadas à formação em saúde, que abrigam cursos de Terapia Ocupacional. Ela é marcada pela visão de corpo como máquina, segmentado em partes que se relacionam em uma certa hierarquia de especificidades. O corpo é objetificado, mediante um dualismo: corpo e mente são compreendidos como instâncias separadas, numa relação em que o corpo se subordina às forças da mente.

Nessa perspectiva, o corpo é abordado de maneira individualizada, isolada e independente de quaisquer outras condicionantes que não as dadas pela biologia. As características subjetivas, os afetos, as condições socio-históricas e os valores e significados culturais que possam permear a constituição de um corpo não adentram o escopo dessa visão.

Tampouco a relação do corpo com a natureza, o tempo e o sagrado são elementos a se considerar. Portanto, podemos dizer que a matriz colonial e cosmo-fóbica (Santos, 2023) dessa perspectiva implica uma recusa do corpo como parte de ecologias e como território de subjetivação, de troca com outros corpos humanos, não-humanos e mais-que-humanos. Toma por referência um corpo normativo de homem branco, cisgênero, não deficiente, heterossexual.

Disso decorre uma ação em terapia ocupacional especializada, voltada às partes do corpo cujo funcionamento não corresponde ao corpo idealizado pelo saber médico e cinesiológico. Esta seria uma ação que visa buscar alterações e desvios nos corpos para corrigi-los em direção a um padrão estabelecido como normal

(Almeida, 2004). Nos padrões da cultura patriarcal e neoliberal contemporânea, configura-se um ideal de corpo individualizado, produtivo, veloz, hiperconectado. Essa ação corretiva prevê restabelecer um padrão de funcionamento tido como “universal” e tem como horizonte a independência e autossuficiência dos corpos.

No entanto, outras perspectivas têm tensionado a forma como os terapeutas ocupacionais compreendem o corpo, alimentadas pelo envolvimento com movimentos sociais, com os saberes ancestrais, pela convivência com corpos dissidentes, pela constante experimentação com as práticas corporais e com as linguagens artísticas, e pelo estudo da filosofia e das ciências humanas e sociais. Ao longo do tempo, a visão dos terapeutas ocupacionais sobre o corpo se transformou. Se antes ele era compreendido principalmente em sua dimensão anatômica e funcional, voltada à identificação de disfunções e à reabilitação para atividades diversas, hoje reconhecemos outras dimensões, como a afetiva, a subjetiva, a socioeconômica e a cultural (Lieberman *et al.*, 2022).

Desse repertório decorre um conhecimento em terapia ocupacional sobre os corpos em atividade que, ao invés de segmentá-los em componentes, considera sua processualidade e as possibilidades de encontro e experimentação que os formam (Silva *et al.*, 2025).

O corpo compreendido como organização somática é um corpo plástico, móvel e reorganizável, que forma a si mesmo ao longo da existência a partir das experiências. Nessa perspectiva, considera-se um corpo que é moldado pelos fazeres cotidianos e que expressa em sua forma como vive e corporifica as forças culturais, políticas e sociais dos ambientes em que está imerso. É um corpo que se faz na sua história vincular e na história social. Alia-se ao entendimento de que o corpo é processador e produtor de ambientes e que as atividades fabricam os corpos (Keleman, 1994; Favre, 2010; Lieberman, 2010; Almeida, 2004).

O corpo, na visão somática, é abordado como processo no tempo (e não como objeto), em sua integridade e em contínua formação: existem muitos corpos em uma vida e muitas vidas em um corpo, como diz Keleman (1994). Não há separação entre a mente e o corpo, pois entende-se que os pensamentos, os sonhos e as emoções são produtos do corpo, tudo é corpo. O corpo sonha e é arte, pois é inventor da própria existência. Ao se inventar e reinventar, se autoproduz de maneira singular, o que deflagra sua característica política, uma vez que resiste a processos de homogeneização e de opressão, afirmando sua existência.

Pensamos que essa visão pode sustentar as ações da Terapia Ocupacional em quaisquer contextos, independente do uso de práticas corporais, pois implica compreender, antes de tudo, que somos corpo, uma realidade somático-existencial, que tudo o que nos acontece está corporificado e em um processo contínuo de produção, e que todos os nossos atos são corporais (Angeli, 2023; Lieberman, 2010).

Entretanto, as práticas corporais possibilitam encarnar essa visão e torná-la vívida, pois sensibilizam para estados de presença e proporcionam o conhecimento e a percepção do próprio corpo, e o cuidado de si. Favorecem uma maior agregação das partes do corpo na ação e no movimento e uma conexão mais potente com o presente e com os ambientes. Além disso, possibilitam que possamos agir sobre nós mesmos e agenciar mudanças, acessando outros corpos em nós, com novas visões de mundo, forças políticas e transformadoras.

Dessa maneira, as ações em terapia ocupacional, tendo como fundamento a visão somática, são sempre singulares, pois compreendem que cada corpo é um corpo único num determinado momento de sua história pessoal; e também são coletivas, pois consideram os corpos nos ambientes de que são parte e nas histórias sociais que os formam. Ao invés da correção, preveem a variação de modos de funcionamento que emanam de processos de autoinvenção dos corpos e têm como horizonte a autonomia, ou seja, a interdependência entre corpos e a possibilidade de liberdade e escolha, uma vez que a independência é considerada uma “ilusão”. A interdependência, por sua vez, considera que todas as pessoas, em algum momento da vida, dependeram ou irão depender de alguém. O conceito de interdependência problematiza ideias de autossuficiência e superação dos corpos e assume o cuidado como algo permanente em nossas vidas e construído em redes.

Nos últimos anos, essas ideias, no campo da Terapia Ocupacional, têm se aproximado de outras cosmovisões, para compreender a diversidade da percepção e das formas corporais de estar no mundo. Esse processo

convida a um deslocamento do corpo normativo, conforme os contornos que lhe são impostos pela matriz colonial, e a uma compreensão de processos de produção e reprodução de mecanismos de dominação e exploração de corpos historicamente marginalizados pela colonização e colonialidades (Ambrósio e Silva, 2022).

Nas cosmovisões ameríndias e afro-diaspóricas, os seres humanos, não-humanos e mais-que-humanos recebem a mesma importância na constituição dos corpos e dos mundos, não existe uma centralidade do humano, os corpos se relacionam em rede. Essas convocam a pensar o corpo como um território construído a partir de heranças étnicas, culturais e espirituais: na relação intrínseca com a natureza, com os rituais, com os saberes aprendidos com os mais velhos, um corpo que existe no individual e no coletivo (Costa, 2017; Peral, 2023).

Diante disso, os terapeutas ocupacionais são instigados a compreender o corpo a partir da interseccionalidade, ou seja, a partir das formas particulares de opressão que se interligam na constituição de modos de valorizar os corpos, produzir injustiças, diminuir suas potências, violação de seus direitos e restrições em seus cotidianos. Mas também são convidados a vivenciar a diversidade cultural em atividades com base em culturas e saberes tradicionais, e a se implicar num processo ativo de transformação e criação de um outro mundo baseado nas lógicas de povos que historicamente foram desumanizados (Ambrósio e Silva, 2022; Costa *et al.*, 2023; Santos, 2023).

ARTE – CRIAÇÃO DE SI E DE MUNDOS

A formação em Terapia Ocupacional dispõe de laboratórios que promovem a experimentação de atividades, “como prática essencial para a criação de habilidades, competências e atitudes particularizadas pelo terapeuta ocupacional, introjetadas pelas vivências em si” (Silva e Poellnitz, 2015, p. 76). Alguns estudantes costumam se perguntar por que estariam ali nos laboratórios a fazer crochê, bordado ou modelagem em argila, se não se veem conectados a essas atividades, e não identificam um objetivo explícito ligado a alguma população ou problemática.

Ora, a aprendizagem em atividades não pressupõe um “gostar” ou uma “identificação” que favoreça um raciocínio do tipo causa e efeito, estabelecendo, assim, uma ligação direta entre o objetivo terapêutico e uma atividade que sane o problema. Esse tipo de raciocínio reducionista tem sido problematizado há aproximadamente três décadas pelo pensamento de terapeutas ocupacionais brasileiros que dedicam suas pesquisas às atividades humanas (Cardinalli e Silva, 2024).

Outrossim, a aprendizagem em atividades pressupõe um envolvimento com o fazer que implica o estudante se haver com as características, qualidades, técnicas das atividades em relação ao seu fazer singular, de maneira a perceber suas dificuldades e possibilidades de relação com os modos de realização de atividades transmitidos pela cultura e com aqueles que ele pode inventar a partir de seu processo criativo.

O autoconhecimento e a criação estão, portanto, no cerne do processo de aprendizagem. A criação é um vetor importante, em especial quando se considera a experimentação de linguagens artísticas e corporais. No entanto, ela não é um mandato ou uma imposição para que se crie obras de arte, e sim um caminho para a ampliação da sensibilidade a modos de existência e processos de subjetivação que se dão pelo fazer; de repertórios de linguagens e técnicas; e de experiências de viver o corpo e de realizar as atividades. Portanto, “(...) a principal finalidade de uma ocupação artística persistente e sistemática não é a produção de obras primas; o mais importante [...] é o que adquire com tais atividades a pessoa que a realiza, o que essas atividades produzem numa vida.” (Pedrosa *apud* Lima, 2011, p.8). A autora citada nos convida a perguntar: o que uma atividade artística pode produzir numa vida?

Segundo Bezerra (2011), a arte pode ser compreendida como experiência, expressão e ação criativa. Em sintonia com Dewey (2010), pensar a arte como experiência é reconhecer seu poder de intensificar a vida, ampliando a sensibilidade e a imaginação. A vivência estética suspende fronteiras entre eu e mundo, abrindo

espaço para novos sentidos e modos de perceber. Assim, a arte deixa de ser apenas um campo especializado e torna-se uma forma de reinventar o olhar sobre si, sobre o outro e sobre a vida.

Como expressão, a arte revela o modo singular de existir e perceber. O ato criativo rompe barreiras do sofrimento e da alienação, permitindo significar o vivido. Criar é elaborar experiências e atribuir-lhes sentido comunicável, possibilitando ao sujeito reconstruir vínculos, identidade e horizontes pessoais. Nessa dinâmica, o fazer artístico assume função terapêutica e transformadora, favorecendo o autoconhecimento e o reconhecimento do outro.

Na dimensão da ação criativa, a arte manifesta seu caráter ativo e transformador: um fazer que inventa o próprio modo de fazer. A criação de si e do mundo ocorre simultaneamente, produzindo sentidos que renovam a forma de habitar a realidade. Essa experiência remete ao brincar em Winnicott (1975), entendido como um espaço de liberdade e invenção, onde as fronteiras entre mundo interno e externo se tornam permeáveis, abrindo caminho para uma subjetividade mais viva e autêntica (Mecca, 2015).

Na Terapia Ocupacional, o fazer artístico transcende a técnica e torna-se um campo de experimentação e encontro. Ele integra saberes, promove vínculos e amplia a participação sociocultural, convidando o sujeito a agir criativamente e a tornar-se autor de sua história. A experiência estética fortalece relações com o mundo e com os outros, despertando pertencimento e corresponsabilidade. Assim, ao incorporar práticas artísticas, a Terapia Ocupacional favorece o cuidado integral e a construção de espaços de convivência, criação e transformação coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos concluir que a interface da Terapia Ocupacional com o corpo e as artes oferece possibilidades de formação que transcendem o enfoque tradicional biomédico e corretivo. Ao compreender o corpo como processo em contínua produção e inserido em contextos sociais, culturais e políticos, a prática terapêutica passa a valorizar a singularidade e a interdependência dos corpos, reconhecendo-os como agentes de transformação. As práticas corporais e artísticas não apenas ampliam o repertório técnico do terapeuta, mas também fomentam o autoconhecimento, a sensibilidade e a capacidade de criar mundos mais inclusivos e éticos, em consonância com perspectivas somáticas e cosmovisões que desafiam padrões normativos.

Além disso, a incorporação da arte na formação do terapeuta ocupacional permite que a experiência estética se torne ferramenta de aprendizagem, expressão e ação criativa. Ao engajar-se no fazer artístico, o estudante não apenas desenvolve competências técnicas, mas também vivencia a criação de si e de mundos possíveis, promovendo relações mais profundas consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Dessa forma, a arte e o corpo se consolidam como instrumentos centrais para uma prática terapêutica inovadora, ética e transformadora, que valoriza a diversidade, a agência e o cuidado coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. M. **Corpo e Arte em Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. Interseccionalidade: um conceito amefricano e diaspórico para a terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e3150, p. 1-11, 2022. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN241431501>
- ANGELI, A. A. C. Fazer-se manada, coexistir na diferença: a experiência de cartografar um processo de criação em dança. **Revista Polis e Psique**, v. 13, n. 2, p. 6–28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.123160>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BEZERRA Jr, B. Os sentidos da arte na atenção à saúde mental: considerações sobre o cenário pós-manicomial. In: MELO, W.; FERREIRA, A. P. (org.) **A sabedoria que a gente não sabe**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud: 2011.

CARDINALLI, I.; SILVA, C. R. Sentidos e representações da “atividade humana” para terapeutas ocupacionais no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, e3855, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO397138551>. Acesso em: 25 out. 2025.

CASTRO, E. D. de et al. Formação em Terapia Ocupacional na interface das Artes e da Saúde: a experiência do PACTO. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 149-156, set./dez. 2009.

COSTA, M.C. **Clínica anímica**: agenciamentos entre corpos humanos e não-humanos como produção de subjetividade. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

COSTA, M. C.; BUKOLA, A. F.; SANTOS, A. C. Pesquisa IŞÉ: contribuições da terapia ocupacional afroreferenciada nos processos de formação e restituição das subjetividades negras. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, e3435, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO263234351>. Acesso em: 25 out. 2025.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

KELEMAN, S. **Realidade Somática**: experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.

LIBERMAN, F. O corpo como pulso. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 14, n. 33, p. 449-460, junho de 2010.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A.; MAXIMINO, V. S.; CARVALHO, Y. M. Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 118-126, maio-ago. 2017. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>

LIMA, E.A. Prefácio. In: MELO, W.; FERREIRA, A. P. (org.) **A sabedoria que a gente não sabe**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud: 2011.

LIMA, E. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. In: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional**. SP: Ed. HUCITEC, 2019. p. 97-125.

MECCA, R. C. **Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental**: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano. Curitiba: CRV, 2015.

PERAL, T. A. **Ao Redor do Fogo**: Cartografias dos corpos e narrativas de mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 2023.

SANTOS, A. B. dos **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SILVA, C. R.; POELLNITZ, J. C. V. Atividades na formação do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 1, p. 74–82, jan./abr. 2015.

SILVA, H. C. O.; MECCA, R. C.; MARINHO, F. S. A construção de um olhar do estudante de Terapia Ocupacional marcado pela formatividade dos corpos. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 9, n. 1, p. 3055–3070, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto64079>. Acesso em: 25 out. 2025.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

TERAPIA OCUPACIONAL E TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE: UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL DO COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS OCUPACIONAIS DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

Erickson F. dos Santos Miranda¹

Quando falamos sobre a população LGBTQIAPN+, estamos falando de pessoas reais, com rostos, nomes e histórias que importam. Pessoas que carregam nos corpos o peso do preconceito, mas também a força da resistência. A terapia ocupacional, quando olha para essas trajetórias, deve enxergar além: vê vidas inteiras sendo atravessadas por violências que se cruzam – seja por ser LGBTQIAPN+, negro, pobre ou tudo isso ao mesmo tempo.

A Teoria da Interseccionalidade nos ajuda a entender essas sobreposições de opressão não como somas simples, mas como experiências únicas que exigem um cuidado único. Ela nos convida a perguntar: como é viver num corpo que desafia normas de gênero enquanto enfrenta o racismo e a pobreza? Como é buscar cuidado em saúde carregando tantos estigmas?

Este capítulo abordará a população LGBTQIAPN+ a partir das marcas e experiências de violência, mediante uma análise interseccional, bem como uma reflexão sobre a contextualização histórica e conceitual da Teoria da Interseccionalidade. Por fim, destacar-se-á a contribuição dessa abordagem para uma prática comunitária transformadora, com ênfase no modo como a terapia ocupacional pode promover cuidado e produção de vida junto a essa população.

O AVESSE DO ARCO-ÍRIS

A população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais/Agêneros, Panssexuais, Não-binários e outras possibilidades de identidades sexuais e gêneros) ainda enfrenta processos de vulnerabilização, estigmas, preconceitos em suas vidas cotidianas que atravessam suas experiências. A análise interseccional da vida cotidiana desse grupo social é aprofundada a partir das relações de classe e raça, nas quais as violências e opressões são complexificadas.

De acordo com a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT, 2020), a violência contra a população LGBTQIAPN+ está diretamente atrelada à LGBTfobia. Esta é entendida como qualquer ação homo ou transfóbica que carrega um conteúdo de ódio em relação à orientação sexual e/ou identidade de gênero, sendo legalmente equiparada ao crime de racismo.

A nota técnica da associação identifica que a subnotificação desses casos de violência específica é um obstáculo central para a criação de políticas públicas eficazes. Um dos maiores desafios apontados reside na multidimensionalidade das necessidades dessa população. Devido aos diversos subgrupos que a compõem e à influência da localização sociocultural, as experiências de opressão são complexas e marcadas pela dimensão interseccional. Portanto, torna-se necessária uma análise transversal e comprometida com tais especificidades para o desenvolvimento de ações adequadas. Além disso, o ciclo de violência inicia-se no ambiente familiar e se estende a cenários como trabalho, educação, saúde e política (ABGLT, 2020).

¹ Doutorando em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional - UFSCar. Mestre em Estudos da Ocupação pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação-UFMG. Especialista em Atenção Básica e Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família - SMSJG. Docente no curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Maurício de Nassau – Campina Grande e João Pessoa-PB.

Uma das evidências desse cenário pode ser observada no estudo de Martins et al. (2022), que analisou as fichas de notificação compulsória de violência contra a população LGBTQIAPN+ no município de Jaboatão dos Guararapes (PE), entre 2014 e 2019, com base em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

Os resultados apontam para uma subnotificação expressiva: apenas 1,82% dos registros referiam-se a vítimas homossexuais ou bissexuais, e 0,63% a pessoas trans – incluindo travestis, mulheres e homens transsexuais. Nota-se ainda um alto percentual de campos marcados como “ignorado” ou “não se aplica”, o que sugere dificuldades no preenchimento adequado por parte dos profissionais de saúde. A residência e a via pública apareceram como os locais de ocorrência mais frequentes das agressões. Em relação às motivações, houve predominância do sexismo, enquanto a homofobia e a transfobia foram pouco registradas, indicando possíveis equívocos na classificação dos casos. Também foram identificadas situações de lesão autoprovocada, reforçando a extrema vulnerabilidade vivida por essa população (Martins *et al.*, 2022).

Esses dados revelam uma dimensão ao mesmo tempo estrutural e institucional da violência LGBTQfóbica. Para enfrentá-la, torna-se urgente adotar uma mudança de perspectiva na análise dessas questões, e a teoria da interseccionalidade se apresenta como um caminho possível e necessário para essa transformação.

UM FEIXE DE LUZ ESPECTRAL...

A Teoria da Interseccionalidade, enquanto tecnologia analítica criada pelo feminismo negro, permite examinar como categorias identitárias – como raça, gênero, classe, sexualidade, território, capacidade funcional e idade – atuam de forma interligada, produzindo um complexo sistema de opressões que incide fractalmente sobre os corpos e gera experiências singulares, conforme a localização sociocultural dos sujeitos. Em outras palavras, a interseccionalidade busca compreender como essas categorias, em suas relações dinâmicas, produzem simultaneamente opressões e resistências, a partir das vivências de pessoas e coletivos que enfrentam violências de caráter interseccional (Collins, 2022; Crenshaw, 1991).

Pensar as experiências heterogêneas de opressões e resistências da comunidade LGBTQIAPN+ a partir de uma perspectiva interseccional requer analisar como as estruturas sociais se articulam para privar ou facilitar o acesso a bens, serviços e à realização de ocupações significativas. É fundamental considerar em quais contextos de desigualdade essas pessoas estão inseridas e como tais condições moldam suas vivências – uma pessoa negra LGBTQIAPN+ residente em uma favela vivenciará o cotidiano de maneira distinta de outra moradora de um bairro nobre. Além disso, é preciso examinar as relações de poder que atravessam essa comunidade. A partir de uma análise interseccional, face às vivências opressivas, torna-se imperativo promover justiça social e a potencialização da vida (Collins, 2022).

A interseccionalidade revela-se como uma lente analítica que torna visíveis as múltiplas dimensões das opressões e resistências. Essa compreensão só se efetiva quando ancorada nas experiências vividas e no processo de nomeação crítica dessas estruturas.

UM LEQUE DE POSSIBILIDADES...

A Terapia Ocupacional, diante desse cenário e assumindo uma postura ética-crítica-sensível-política, é uma profissão que se dedica ao cuidado de pessoas e grupos que vivenciam rupturas em seu cotidiano e se volta para a promoção da autonomia, interdependência, emancipação, cidadania e participação por meio de seu processo de cuidado e produção de vida (Cardoso; Tavares; Oliveira, 2024).

O investimento da terapia ocupacional no campo da saúde mental está em compreender essas relações de opressões e resistências que afetam o cotidiano da população LGBTQIAPN+. O cuidado ético-político, por meio de ações concretas, envolve escuta sensível e acolhimento, o apoio na construção de projetos de vida e processos de transição e a intervenção nas atividades de vida diária que se tornam fontes de estresse para corpos não normativos. A Terapia Ocupacional visa agir em liberdade, combatendo barreiras socioculturais e ampliando a participação social, para, assim, sustentar desejos plurais e afirmar as diversidades, contribuindo para uma rede de cuidado em saúde mental verdadeiramente inclusiva (Depole *et al.*, 2024).

As vivências e experiências ocupacionais (Mirnada, 2022) da população LGBT seguem sendo pouco conhecidas e valorizadas no campo da Ciência Ocupacional e da Terapia Ocupacional, no qual ainda persiste uma visão heteronormativa que limita a compreensão dessas realidades. Muitas dessas pessoas enfrentam contextos marcados por discriminação e injustiças ocupacionais, como a marginalização no acesso ao trabalho formal, barreiras educacionais e dificuldades no cuidado em saúde, além de políticas públicas que não acolhem suas necessidades. Ao olharmos para as subcomunidades, encontramos realidades singulares: pessoas trans que utilizam as ocupações como forma de afirmar quem são; homens gays que constroem sua identidade em espaços de lazer noturno; e mulheres lésbicas que enfrentam obstáculos específicos no exercício da maternidade (Morrison *et al.*, 2023).

Torna-se cada vez mais necessário adotar uma perspectiva interseccional na produção de conhecimento e na prática clínica, capaz de reconhecer a diversidade de trajetórias dentro da população LGBTQIAPN+. É urgente desenvolver abordagens verdadeiramente centradas na pessoa, promover justiça ocupacional e incluir essas dimensões na formação profissional, superando vieses heteronormativos para oferecer um cuidado acolhedor, ético e afirmativo (Morrison, *et al.*, 2023).

CORPO-VAGALUME: EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Diante disso, apresento o acompanhamento de Vagalume, uma pessoa não-binária, negra, periférica e nordestina, realizado na atenção básica. Vagalume há muito tempo não frequentava as consultas periódicas necessárias após a retirada de nódulos na mama. Segundo seu relato, não retornava ao serviço de saúde por não se sentir confortável, pois alguns profissionais não respeitavam sua identidade de gênero e, além disso, sua consulta era sempre marcada no dia da agenda programática destinada à “saúde da mulher”.

Sua agente comunitária de saúde, preocupada com a ausência no acompanhamento pós-cirúrgico, buscou o serviço de terapia ocupacional para um atendimento individual de acolhimento, percebendo que Vagalume estava sendo privada do acesso ao serviço de forma adequada. Ao chegar à unidade em um dia marcado conforme sua disponibilidade, Vagalume já se sentiu mais acolhida e confortável, por não estar entre mulheres cisgêneras na sala de espera. Durante o acolhimento, compartilhou que vinha sentindo incômodo novamente nas mamas e suspeitava que os nódulos haviam voltado, já que não podia parar de trabalhar – seu emprego, como entregadora de gás e água, exigia carregar peso por muitas horas.

Na minha atuação como articulador dentro do serviço, propus um estudo de caso com a enfermeira e, posteriormente, com o médico, apresentando o diagnóstico situacional de Vagalume e as notas técnicas municipal e nacional sobre atendimento especializado para a população LGBT no âmbito da atenção básica. Além disso, realizei encaminhamentos para o ambulatório de saúde LGBT do município. Felizmente, essa articulação deu certo: Vagalume foi atendida e encaminhada para os exames necessários. Meu objetivo era garantir que Vagalume acessasse os bens e serviços de saúde para dar continuidade ao tratamento dos nódulos mamários, além de realizar educação em saúde com os profissionais sobre as especificidades no cuidado à população LGBTQIAPN+ e as responsabilidades de cada equipe.

“NÃO SOU SÓ UM ERRO, SOU UM ACERTO E UM CONCERTO.”

Uma análise interseccional nos mostra como as identidades se entrelaçam nas vivências da população LGBTQIAPN+. O caso de Vagalume – pessoa não-binária, negra e periférica – revela como o preconceito de gênero, o racismo e a pobreza se cruzam, criando barreiras no acesso à saúde. A Terapia Ocupacional, ao acolher sua história singularmente, tornou-se uma ponte para o cuidado integral. Os dados de subnotificação escancararam violências que se sobrepõem e se invisibilizam mutuamente nos registros oficiais. Nos serviços de saúde, a LGBTfobia institucional se soma a outras exclusões, exigindo um olhar atento às múltiplas opressões. O cuidado deve reconhecer que cada pessoa carrega em seu corpo histórias de opressão e resistência. A transformação começa quando enxergamos além das estatísticas – vemos seres humanos completos, com suas lutas e potências.

Esse acompanhamento marca profundamente minha trajetória profissional, pois evidencia a inquietação, o compromisso, a postura ético-política e os caminhos necessários que a Terapia Ocupacional precisa percorrer para se tornar verdadeiramente emancipatória, popular, interseccional, justa, antirracista, antimachista, anticapacitista e anti-LGBTfóbica. Uma Terapia Ocupacional comprometida com os cotidianos de pessoas e populações marginalizadas precisa alargar suas bases teóricas e práticas, abrindo espaço para ações e conhecimentos críticos que considerem as múltiplas dimensões da vida – tal como nos convida a fazer a Teoria da Interseccionalidade.

O cuidado de Vagalume nos mostrou que a Terapia Ocupacional pode ser um encontro de articulação e transformação. Um momento em que pessoas LGBTQIAPN+ não precisam esconder quem são para receber cuidado e que suas ocupações e projetos de vida são levados a sério. A Teoria da interseccionalidade para a Terapia Ocupacional deve ser a prática diária de enxergar as pessoas em toda a sua complexidade. É entender que uma pessoa em suas encruzilhadas identitárias e socioculturais vivenciará de forma diferente seu cotidiano e suas experiências ocupacionais (Miranda, 2022), e que nosso cuidado precisa ser sensível a essas diferenças.

Esta experiência reforça que a Terapia Ocupacional tem um compromisso ético com a vida – todas as vidas. Que nosso fazer profissional precisa ser humano, sensível e corajoso o suficiente para enfrentar as estruturas que oprimem as pessoas de quem cuidamos. Que sigamos construindo uma Terapia Ocupacional implicada, em que todas as pessoas possam ser quem são, a partir de seus fazeres e cotidianos, a diversidade não seja tolerada, mas celebrada, e o cuidado seja, acima de tudo, um ato de coragem e justiça.

REFERÊNCIAS

- ABGLT. **A violência LGBTQIA+ no Brasil**. Relatório técnico. Coordenadores: Thiago Amparo et al. FGV Direito SP, 2020. 38 p.
- CARDOSO, P. T.; TAVARES, G. S.; OLIVEIRA, M. L. (org.). **Experiências sensíveis e críticas em Terapia Ocupacional: (entre)linhas formativas**. São Paulo: Hucitec, 2024. 359 p.
- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: Interseccionalidade como Teoria Social Crítica**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022. 423 p.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.
- DEPOLE, Bárbara de Fátima et al. Consideramos justa toda forma de amor: Terapia Ocupacional e o cuidado à saúde mental de LGBTQIAPN+. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2024. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v34i1.3e222535.

MARTINS, D. R. P. et al. Notificações compulsórias de violências perpetradas contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Município de Jaboatão dos Guararapes (PE). **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 7335-7352, jan. 2022.

MIRANDA, Erickson Franklin dos Santos. **Iniquidades interseccionais no cotidiano de mulheres negras da periferia de Jaboatão dos Guararapes-PE**: encruzilhadas das vivências ocupacionais racializadas. 2022. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Ocupação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MORRISON, R. et al. Personas LGBT y Ciencia Ocupacional: una revisión de literatura. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, e3506, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.cto-AR268535063>

SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA, ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E TERAPIA OCUPACIONAL

Lorena Henriete Araujo Dias

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a saúde da população negra exige deslocar o foco do indivíduo isolado para os processos históricos e estruturais que moldam as condições de vida, exposição a riscos e acesso aos serviços de saúde. O racismo, como sistema social que hierarquiza e exclui, atua como determinante social da saúde ao produzir e reproduzir desigualdades que afetam desproporcionalmente pessoas negras (Munanga, 2003; Almeida, 2018). No Brasil, esse fenômeno assume contornos específicos pela naturalização de práticas discriminatórias e pelo que se chamou, historicamente, de “mito da democracia racial”, que encobre profundas assimetrias sociais (Schucman, 2012; Ribeiro, 2019).

A Atenção Primária à Saúde (APS) é o ponto de entrada e a base dos sistemas de cuidado coletivo; por ser territorial, longitudinal e centrada na efetivação de direitos, a APS tem potencial para enfrentar as desigualdades raciais por meio de ações preventivas, educação em saúde, trabalho comunitário e integração interprofissional (Brasil, 2017). Nesse nível de atenção, a Terapia Ocupacional pode ocupar um papel estratégico: ao trabalhar com as ocupações – o conjunto de atividades que constituem o cotidiano e o sentido de vida das pessoas –, a profissão está naturalmente posicionada para identificar como o racismo transforma oportunidades de fazer, de pertencer e de existir (Aota, 2020; Silva; Oliver, 2021).

O objetivo deste capítulo é articular conhecimento produzido sobre racismo, APS e Terapia Ocupacional, oferecendo um texto didático e reflexivo que subsidie práticas profissionais antirracistas no contexto da atenção básica. Para tanto, descreve-se como o racismo impacta as ocupações e a saúde, quais possibilidades a APS oferece para intervenções equitativas e quais estratégias profissionais de Terapia Ocupacional podem contribuir para a promoção da saúde da população negra.

RACISMO COMO DETERMINANTE SOCIAL DA SAÚDE: EFEITOS SOBRE OCUPAÇÕES

O racismo não é apenas um conjunto de atitudes individuais; trata-se de um sistema que organiza instituições, relações econômicas, políticas e culturais de modo a privilegiar corpos e trajetórias brancos (Munanga, 2003; Ribeiro, 2019). Essa estrutura se traduz em desigualdades concretas: dados sobre pobreza, escolaridade, violência e mortalidade mostram uma situação pior para pretos e pardos em comparação com brancos (IBGE, 2019; IPEA, 2020). No campo da saúde, além de maiores riscos epidemiológicos, há relatos frequentes de discriminação no atendimento, subnotificação e menor acesso a tecnologias de cuidado.

Em perspectiva ocupacional, o racismo ressignifica a própria experiência do fazer. Ocupações como estudo, trabalho, lazer, autocuidado e participação social são atravessadas por barreiras materiais (falta de oportunidades, segregação espacial) e simbólicas (estigmas, baixa representatividade), o que dificulta o acesso a recursos que promovem saúde e bem-estar (Farias; Leite Júnior; Costa, 2018). Estudos com jovens e adolescentes negras apontam impactos diretos na autoestima, na percepção de pertencimento escolar e na participação social – efeitos que reverberam em trajetórias ocupacionais e escolhas de vida (Duarte, 2018; Barbosa; Souza, 2018).

Essas vivências produzem sofrimento psíquico e adoecimento ao longo do tempo, porque a exclusão e o silenciamento corroem redes de apoio e oportunidades de engajamento significativo. A invisibilidade em conteúdos educativos, em mídias e em espaços públicos reforça a sensação de não pertencimento, ampliando a vulnerabilidade a problemas de saúde mental (Barbosa; Souza, 2018; Amorim *et al.*, 2020). Assim, reconhecer o racismo como determinante social implica que intervenções em saúde devem atuar simultaneamente sobre as condições materiais e sobre as representações simbólicas que marcam o cotidiano das pessoas negras.

ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: ESPAÇO DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

A APS, por seus atributos de territorialidade, longitudinalidade e resolubilidade, está em posição privilegiada para implementar práticas de cuidado orientadas pela equidade racial (Brasil, 2017). A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra recomenda que as ações de saúde considerem racismo e discriminação como fatores a serem enfrentados transversalmente, incluídos no planejamento de ações e nas formas de atenção (Brasil, 2017).

Na prática, atuar antirracista na APS implica: mapear vulnerabilidades específicas do território; promover educação em saúde com conteúdo culturalmente sensível; garantir acessibilidade e acolhimento no primeiro contato; e estabelecer rotinas de escuta ativa que valorizem narrativas culturais e experiências de discriminação. Ferramentas como o apoio matricial e o trabalho em equipes interprofissionais ampliam a capacidade resolutiva e permitem que saberes clínicos se articulem com saberes comunitários (Silva; Oliver, 2021).

Grupos comunitários e atividades coletivas são estratégias potentes na APS: ao promover espaços de fala, aprendizagem e produção cultural, esses dispositivos fortalecem identidades, redes de apoio e práticas de autocuidado. A utilização de referências afroreferenciadas (música, contação de histórias, práticas corporais) pode ser, ao mesmo tempo, reconhecimento cultural e ferramenta terapêutica para a promoção de saúde mental e pertencimento (Farias *et al.*, 2018; Amorim *et al.*, 2020).

CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA

A perspectiva ocupacional oferece ferramentas conceituais e práticas para intervir sobre o impacto do racismo no cotidiano. Três eixos sintetizam contribuições relevantes da Terapia Ocupacional no contexto da APS:

1. Avaliação sensível ao contexto e à cultura: instrumentos e processos avaliativos devem considerar não apenas limitações funcionais, mas o sentido das ocupações no contexto cultural e as barreiras sociais que condicionam a participação. Isso implica utilizar entrevistas situadas, mapeamento comunitário e metodologias participativas para captar demandas reais e produzir planos de cuidado que reconheçam valores e práticas locais (Aota, 2020; Silva; Oliver, 2021).
2. Intervenções coletivas e afroreferenciadas: oficinas culturais, rodas de conversa, grupos de lazer e de autocuidado com foco na valorização da identidade negra fortalecem autonomia, autoestima e redes de solidariedade. Atividades que retomam saberes e expressões afrodescendentes (artesanato, dança, narrativas) funcionam como práticas reparadoras que resgatam sentido, pertencimento e resistência (Amorim *et al.*, 2020; Farias *et al.*, 2018).
3. Apoio matricial e formação interprofissional: o terapeuta ocupacional pode atuar apoiando equipes da APS em novas práticas de acolhimento, identificação de vieses institucionais e construção de fluxos que reduzam barreiras de acesso. A formação continuada em racismo institucional e atendimento antirracista é fundamental para transformar rotinas e práticas de cuidado (Silva; Oliver, 2021).

Além disso, a promoção de estratégias que envolvam escolas, coletivos culturais e espaços religiosos – agentes centrais na vida de muitas comunidades negras – amplia o alcance das ações e articula políticas de saúde com políticas sociais e educacionais, potencializando efeitos preventivos e promotores de saúde (IBGE, 2019; IPEA, 2020).

DESAFIOS E CUIDADOS ÉTICOS NA PRÁTICA ANTIRRACISTA EM TERAPIA OCUPACIONAL

Implementar práticas antirracistas requer atenção a limites e riscos: há o perigo de instrumentalizar referências culturais, reproduzir estereótipos ou transformar ações simbólicas em paliativos sem impacto estrutural. Por isso, recomenda-se que intervenções sejam co-construídas com pessoas e coletivos negros, garantindo protagonismo e evitando paternalismos (Ribeiro, 2019; Duarte, 2018).

Outro desafio é a necessidade de avaliação crítica das práticas institucionais. O racismo institucional pode se manifestar em critérios de acesso, rotinas de atendimento e decisões administrativas; logo, além de intervenções clínicas, há a demanda por advocacy institucional e pela participação ativa de profissionais em instâncias de gestão e formulação de políticas (Brasil, 2017; Silva; Oliver, 2021).

No plano formativo, urge incorporar conteúdos sobre racismo, saúde da população negra e práticas antirracistas nos cursos de Terapia Ocupacional, assim como promover formação continuada nas equipes da APS, de modo a qualificar o acolhimento e a atenção a contextos histórico-culturais diversos (Silva; Oliver, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da saúde da população negra passa por reconhecer o racismo como fator gerador de doença e negar a neutralidade das práticas de cuidado. A Atenção Primária à Saúde é o campo de práticas mais apropriado para ações que integrem promoção, prevenção e cuidado, e a Terapia Ocupacional tem contribuição singular ao trabalhar com as ocupações que dão sentido à vida cotidiana.

Intervenções que combinam avaliação contextualizada, ações coletivas afroreferenciadas e apoio matricial possibilitam fortalecer identidades, ampliar participação social e reduzir formas sutis e explícitas de exclusão. Entretanto, essas ações precisam ser pensadas e implementadas com protagonismo das comunidades negras e com compromisso ético-político de enfrentar as bases estruturais do racismo.

Cuidar, portanto, é também transformar: reconhecer e valorizar modos de viver, restituir possibilidades de ocupação significativas e construir, na APS, práticas que sejam verdadeiramente antirracistas e promotoras de equidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2018.

AMORIM, L. et al. Racismo no cotidiano: discursos, gestos e olhares. **Revista Brasileira de Psicologia Social**, v. 33, n. 2, 2020.

AOTA – AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. **Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process**. 4. ed. Bethesda: AOTA Press, 2020.

BARBOSA, M.; SOUZA, T. Adolescência e representações midiáticas da negritude. **Revista de Estudos Culturais**, 2018.

- BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- DUARTE, J. **Racismo e a construção das identidades das adolescentes negras**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- FARIAS, L.; LEITE JÚNIOR, J.; COSTA, A. Racismo e saúde: perspectivas para o cuidado no SUS. **Revista Katálysis**, v. 21, n. 3, 2018.
- IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Brasília: IPEA, 2020.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. São Paulo: Annablume, 2012.
- SILVA, R. A.; OLIVER, F. C. A interface das práticas de terapeutas ocupacionais com os atributos da Atenção Primária à Saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, 2021.

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS ENTRE GRADUANDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL

Raphael Aguiar Leal Campos

INTRODUÇÃO

Como os terapeutas ocupacionais em formação constroem os conceitos fundamentais de sua profissão? Essa questão orienta o presente capítulo, cujo objetivo é relatar o processo de formação de conceitos científicos entre estudantes do curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos (Unifeso), no contexto da disciplina de Atividades de Vida Diária e da Vida Prática.

A teoria histórico-cultural do psicólogo soviético Lev Vigotski oferece um importante referencial para refletir sobre esse processo, especialmente no âmbito do ensino universitário. Isso porque uma das principais funções do ensino universitário é auxiliar futuros profissionais a lidarem com sistemas conceituais complexos e a internalizar os significados historicamente construídos no campo científico.

O QUE SÃO CONCEITOS?

Para Vigotski (2000), um conceito é a reunião de certos elementos, através de uma relação lógica entre eles, expresso por um signo verbal (uma palavra). O desenvolvimento do pensamento conceitual nos permite compreender, dar sentido e trabalhar abstratamente sobre a realidade. Por exemplo, a palavra “gato” agrupa e generaliza as características desse animal (independentemente do tamanho, da raça ou da cor) e o diferencia de outras categorias: cachorro, pássaro, livro, ônibus (Rego, 1995). Portanto, “gato” seria um conceito.

Os conceitos se constroem desde a infância, conforme a criança é inserida na linguagem do grupo social do qual ela faz parte. Quando muito jovem, a criança interpreta os signos verbais apenas pelo seu sentido afetivo, ou seja, pelo estado emocional que as palavras produzem (alegria, tristeza, conforto, satisfação etc.). Em seguida, no início da vida escolar, a criança passa a compreender a realidade a partir de suas experiências diretas com os objetos (grande, pequeno, perto, longe, muitos, poucos, em cima, embaixo etc.). Só então a criança aprende a realizar operações mais complexas de relação abstrata entre os objetos, agrupando-os a partir das características que ela considera relevantes.

O desenvolvimento de conceitos se estende até o fim de nossas vidas e exige um intenso exercício mental. Por essa razão, o aprendizado de conceitos não acontece pela simples transmissão de conteúdo do professor para o estudante. Vigotski (2000, p. 247) argumenta que esse método é infrutífero e faz um alerta: “O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras, um verbalismo puro [...]”.

Existem dois tipos de conceitos. Os *conceitos espontâneos* são aqueles originados na experiência cotidiana, formados antes do sujeito ter contato com o saber científico ou com o ensino formal universitário. São saberes práticos, que surgem da observação cotidiana e se baseiam em percepções pessoais ou no senso comum. Já os *conceitos científicos* são aprendidos e internalizados por meio do ensino formal escolar ou universitário e permitem ao sujeito compreender fenômenos de maneira abstrata e generalizável (Vigotski, 2000).

A seguir, são apresentados exemplos de conceitos espontâneos identificados no início da disciplina de Atividades de Vida Diária e da Vida Prática, bem como as estratégias didáticas empreendidas para estimular o desenvolvimento de conceitos científicos ao longo do percurso formativo.

FORMAÇÃO DE CONCEITOS ESPONTÂNEOS

No começo da disciplina de Atividades de Vida Diária e da Vida Prática, por exemplo, é comum que os estudantes ainda descrevam o conceito de *Terapia Ocupacional* como uma profissão destinada a prescrever atividades terapêuticas. Também há dificuldade em reconhecer as diferenças entre essa e as outras profissões como Fisioterapia, Psicologia e Fonoaudiologia. Outro exemplo é o conceito de *Ocupação*, muitas vezes associado pelos estudantes à atividade de trabalho ou ao preenchimento do tempo livre. Tais significados são parciais e não dão conta da complexidade teórica da profissão.

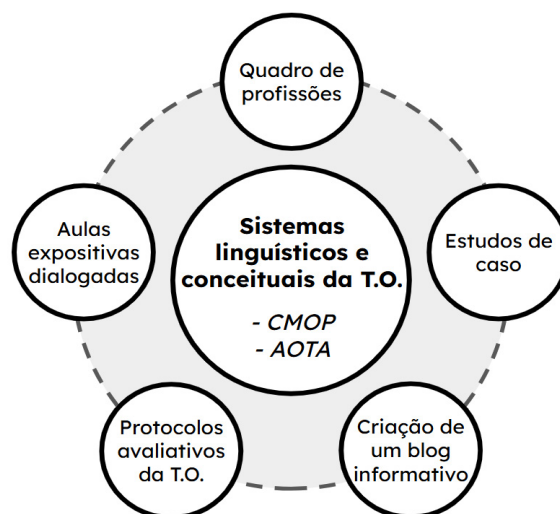
Contudo, longe de serem um problema educacional, essas inconsistências são muito comuns entre os estudantes dos períodos iniciais e constituem a base de um longo processo de edificação da identidade profissional. Sobre isso, Vigotski (2000) ressalta que os conceitos espontâneos servem como um saber prévio, ou seja, uma “ponte” necessária para a consolidação dos novos conceitos científicos. O desafio pedagógico consiste em transformar os saberes prévios dos graduandos em noções conceituais mais específicas, integradas à teoria e à prática profissional.

FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS

A disciplina de Atividades de Vida Diária e da Vida Prática visa introduzir os estudantes de TO aos conceitos científicos que constituem objetos de estudo e intervenção da profissão (ocupação, autocuidado, atividades de vida diária, atividades instrumentais de vida diária, produtividade, trabalho, brincar, estudo, lazer etc.). Para isso, utiliza-se dois sistemas conceituais de referência: o *Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional (CMOP)* e a *Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional da American Occupational Therapy Association (AOTA)*.

Assim, o processo de ensino-aprendizagem cria uma *zona de desenvolvimento proximal* (Vigotski, 2000; Rego, 1995) – planejada e mediada pelo professor em interação com os estudantes – que promove a transição dos conceitos espontâneos (baseados no senso comum) para os conceitos científicos, articulando experiência cotidiana, teoria e linguagem técnica-profissional. Abaixo, a Figura 1 ilustra as metodologias/didáticas usadas em sala de aula.

Figura 1. Estratégias didáticas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

▪ **Quadro de profissões:** elaboração coletiva de um quadro comparativo entre a Terapia Ocupacional, a Fisioterapia, a Psicologia, a Fonoaudiologia e a Medicina, distinguindo os objetos, públicos e intervenções de cada uma.

▪ **Aulas expositivas dialogadas:** apresentação e discussão de noções básicas da Terapia Ocupacional, tais como a ocupação, suas classificações (autocuidado, produtividade e lazer) e seus fatores determinantes (competências, padrões de desempenho, fatores ambientais etc.), utilizando os sistemas linguísticos do CMOP e da AOTA.

▪ **Estudos de caso:** análise detalhada das noções descritas acima a partir de casos (hipotéticos ou reais), envolvendo situações clínicas ou cotidianas, a fim de exercitar o raciocínio clínico e a linguagem profissional.

▪ **Protocolos avaliativos:** aplicação de instrumentos padronizados da Terapia Ocupacional (p. ex., a *Lista de Identificação dos Papéis Ocupacionais*, a *Medida Canadense de Desempenho Ocupacional*, o *Índice de Katz* e a *Escala de Atividades Instrumentais de Vida Diária de Lawton & Brody*) em casos hipotéticos ou entre os próprios estudantes, operando os conceitos científicos de modo prático.

▪ **Criação de um blog informativo:** produção de textos reflexivos por parte dos estudantes para um blog, criado como atividade *extensionista* da disciplina, direcionado a familiares e cuidadores de crianças atípicas, favorecendo a capacidade de síntese dos conceitos e o compartilhamento das descobertas.

CONCLUSÃO

Acredita-se que essas estratégias articuladas promovem a interação dialética entre a experiência vivida e o conhecimento formal acerca das ocupações humanas, estimulando a apropriação da linguagem profissional. Nota-se ainda que, apesar de diferentes, os dois tipos de conceitos estão intimamente relacionados. Afinal, quando o estudante se encontra diante de um conceito desconhecido, ele busca aproximá-lo de outros já conhecidos (internalização). Do mesmo modo, quando um conceito é difuso, o estudante pode compará-lo a outro já sistematizado (generalização).

REFERÊNCIAS

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUANDO A ARTE ENCONTROU A TERAPIA OCUPACIONAL

Luiz Felipe Brandão Augusto

Coordenador do Programa de Arte do Unifeso (PLAMC)

No primeiro semestre de 2025, pela primeira vez em minha carreira docente, lecionei para uma turma do primeiro período de graduação em Terapia Ocupacional do Unifeso. Antes de aceitar esse convite, pesquisei sobre a profissão a fim de compreender qual seria minha contribuição ao crescimento e desenvolvimento desses estudantes. Para minha surpresa, vi que o componente curricular Bases Psicossociais da Formação em Saúde alinhava-se fortemente às competências e habilidades que um futuro terapeuta ocupacional precisa adquirir.

Para o alcance do objetivo geral desse componente curricular, o estudante deve ser capaz de, com maior sensibilidade e segurança, lidar com questões subjetivas e simbólicas nas relações humanas estabelecidas durante a graduação e o exercício profissional na área da saúde por meio do desenvolvimento de valores centrais que permitam focar seu olhar na dimensão humanística de sua formação, a partir de uma aprendizagem experiencial que estimule a reflexão e o desenvolvimento do pensamento crítico.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2002 para Terapia Ocupacional estabelecem que a formação deve ser ampla e diversificada (Brasil, 2002).

O objetivo é preparar o terapeuta ocupacional para atuar em vários locais, como hospitais, clínicas, projetos sociais, prisões, empresas, comunidades terapêuticas, creches e escolas. Para tanto, a formação deve capacitar o profissional a:

1. Entender o ser humano em sua dimensão ocupacional e cotidiana (identificar, analisar e interpretar o que a pessoa faz no dia a dia), garantindo dignidade, participação cidadã e inclusão social;
2. Usar as atividades humanas como ferramenta de intervenção terapêutica, incluindo as artes, trabalho, lazer, cultura, artesanato, autocuidado, atividades sociais e educação.

Dessa maneira, os temas e atividades a serem trabalhados em sala de aula iriam ao encontro daquilo que normatiza as DCN da Terapia Ocupacional. Assim, fui adiante para iniciar essa nova experiência.

Ao longo do semestre, os conteúdos do componente Bases Psicossociais da Formação em Saúde envolveram dinâmicas de autorreflexão, autoconhecimento e autocuidado para uma melhor saúde mental, exercícios de planejamento da vida acadêmica e da formação profissional, técnicas para organização dos estudos, utilização de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) como meditação e aromaterapia visando o combate ao estresse e à ansiedade, oficinas de consciência corporal como alongamento, massoterapia, treinamento funcional, ritmos (dança) e yoga, além da utilização de diferentes linguagens da arte – cinema, fotografia, dança, literatura e artes visuais – como instrumentos para desenvolver a sensibilidade, a criatividade, a integração acadêmica e social, as atitudes e comportamentos éticos e humanísticos do profissional de saúde.

TRANSDISCIPLINARIDADES – ARTE E SAÚDE

As atividades artísticas funcionam como poderosas ferramentas de participação social. Elas promovem o aprendizado, o desenvolvimento pessoal e a criação de experiências significativas que constroem a subjetividade, gerando novas formas de estar no mundo e auxiliando na elaboração de projetos de vida. As atividades

artísticas contribuem para a construção de saberes, movimentos corporais, modos de agir e formas de se posicionar no mundo ao longo do processo de aprendizagem (Gonçalves e Takeite, 2023).

Mariot *et al.* (2019) apresentam práticas pedagógicas de arte voltadas para o desenvolvimento das seguintes habilidades essenciais aos profissionais de saúde: comunicação não verbal; empatia e humanismo; profissionalismo; habilidades de observação diagnóstica; pensamento crítico: incluindo a reflexão histórico-crítica sobre a profissão e a argumentação; trabalho em equipe; compreensão de fatores sociais, como os determinantes sociais de saúde.

O uso da arte como recurso didático no ensino-aprendizagem dos cursos da área da saúde já é uma prática explorada no Brasil, especialmente para o desenvolvimento de habilidades humanas e sociais em seus estudantes. Alguns exemplos de como as linguagens artísticas têm sido utilizadas na formação em Terapia Ocupacional no país incluem a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com o módulo obrigatório “Atividades e Recursos Terapêuticos IV: Arte e Corpo” em sua grade curricular, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que oferece o componente “Arte e Movimento”, e a Universidade Federal de Rondonópolis (UFR) com “Ocupações humanas, recursos terapêuticos, arte e cultura”.

Na formação em Terapia Ocupacional, o princípio pedagógico central é que a vivência do processo de criação artística (e não apenas o produto final) permite ao estudante experimentar em si o potencial transformador da atividade, um conhecimento essencial para a sua futura prática profissional (Mariotti, 2020).

Nos espaços universitários, os estudantes são incentivados a experimentar ativamente diversas linguagens artísticas, incluindo as artes visuais e plásticas (como argila, pintura e performance). A nível metodológico geral, os docentes exibem obras de arte para estimular reflexões profundas sobre a condição humana e, assim, ensinar conceitos de saúde; e os estudantes são estimulados a criar (desenhos, colagens, modelagem, fotografia, bordado etc.) ou representarem algo, usando a criação artística para praticar o que aprenderam. Essa estratégia, que mistura arte e saúde, tem o objetivo de “educar o olhar” dos alunos, tornando-os mais observadores e críticos (em um contexto interdisciplinar).

AULA DE PINTURA NO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DO UNIFESO: UMA CAMINHADA DE AUTOCONHECIMENTO E COMBATE AO ESTRESSE

Uma das aulas do componente curricular Bases Psicossociais da Formação em Saúde era sobre a exploração e conhecimento de recursos e técnicas das artes visuais. Assim, os estudantes poderiam fazer uso de tintas guache e aquarela, pincéis, canetas hidrocor, lápis de cor e giz de cera para produzir livremente uma imagem que representasse um local ou momento de paz, leveza e tranquilidade.

De início, a estudante Mírian Ribeiro da Silva Diniz apresentou-se agitada e com pouca confiança no desenvolvimento da atividade. Conversamos um pouco. Ela então começou a desenhar as primeiras linhas. Não parou mais. Ao final do processo, estava exultante. Segue abaixo o seu depoimento:

Quando fiz esse desenho, pensei em como às vezes nos sentimos ilhados e sem ver soluções para os nossos problemas e projetos de vida. Porém, o sol brilhando representa a esperança e a luz que nos guia... essa imagem reflete a importância da Terapia Ocupacional em oferecer um olhar acolhedor e orientador, ajudando as pessoas a encontrarem força e direção mesmo em momentos difíceis.

IMAGEM 1 - Desenho produzido pela estudante Mírian Ribeiro da Silva Diniz



Fonte: acervo pessoal, 2025.

PALAVRAS FINAIS

A arte enriquece a Terapia Ocupacional, oferecendo ao estudante novas perspectivas sobre o cotidiano e ampliando vivências e reflexões. Como um recurso significativo, ela estimula habilidades, permite aos indivíduos ressignificar suas experiências, reconstruir identidades e se reinventar como protagonistas da sua vida.

Aplicar as linguagens da arte na formação em Terapia Ocupacional do Unifeso me fez compreender, ao longo dessa experiência docente, o quanto a relação entre essas áreas é complexa, vantajosa e rica de significados e potencialidades.

REFERÊNCIAS

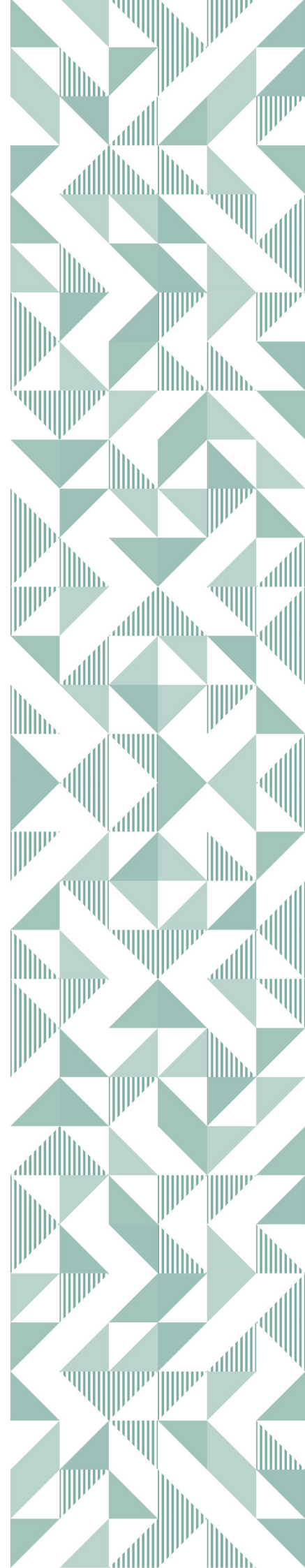
BRASIL. Resolução CNE/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, seção 1, p. 12. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>. Acesso em 10 out. 2025.

GONÇALVES, Monica Villaça; TAKEITI, Beatriz Akemi. Atividades artísticas e processos criativos: reflexões de uma experiência docente. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** 7(4), 2179-2191, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/53361/39671> . Acesso em 20 set. 2025.

MAIROT, Lúcia Trindade da Silva *et al.* As Artes na Educação Médica: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000400054 . Acesso em 10 out. 2025.

MARIOTTI, Milton Carlos. **Atividades expressivas, criativas e artísticas: Prática Clínica, ensino-aprendizagem e pesquisa em Terapia Ocupacional**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

**NARRATIVAS
DE
TRAVESSIA**



PERCURSOS FORMATIVOS NA DISCIPLINA DESENVOLVIMENTO DO ADULTO AO IDOSO: EXPERIÊNCIAS DA TURMA INAUGURAL

Dirley P. Brito

A criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional (TO) representou um marco significativo na consolidação institucional e na expansão da oferta de formação na área da saúde no contexto acadêmico. Este processo inicial de implantação envolveu a construção de uma identidade pedagógica própria, caracterizada por contínuos processos de reflexão docente, superação de desafios e novas descobertas. Como docente responsável pela disciplina “Desenvolvimento do adulto ao idoso” acompanhei de perto as adaptações e o percurso formativo trilhado de forma conjunta pela primeira turma.

A DOCÊNCIA EM UM CONTEXTO PIONEIRO E NOTURNO

O ensino para a turma inaugural do curso, somado ao fato de este ser oferecido no turno noturno, impôs exigências específicas à docência e à dinâmica pedagógica. Muitos estudantes exerciam atividades laborais durante o dia, o que resultava em cansaço físico e mental ao chegarem à aula. Para engajar e motivar esses alunos, a equipe docente precisou desenvolver e aplicar métodos de ensino inovadores que promovessem a participação ativa e facilitassem uma aprendizagem realmente significativa. A natureza pioneira da turma demandou, ainda, um esforço contínuo de criação, reavaliação e reconstrução da prática pedagógica, visto que não havia referências internas prévias. Essa postura investigativa, em que o planejamento era flexível e se transformava, ecoa os ensinamentos de Paulo Freire sobre a necessidade de abertura ao diálogo, disponibilidade para o novo e um compromisso ético na formação integral dos indivíduos.

DESAFIOS ESTRUTURAIS E SOLUÇÕES PARA PRÁTICAS EXTERNAS

Entre os obstáculos iniciais, a maior dificuldade foi assegurar atividades práticas externas (IETC – Inclusão, Estudo, Trabalho e Cidadania) no período noturno, pois a maioria das instituições de saúde e assistência social funciona durante o dia. Essa limitação impôs a necessidade de reformular o plano pedagógico, buscando soluções viáveis e coesas com os objetivos formativos do curso.

A revisão priorizou o uso de metodologias ativas, colocando o aluno como agente central de seu aprendizado, focado na resolução de desafios simulados ou concretos. Assim, a teoria e a prática foram integradas por meio de simulações, elaboração de recursos terapêuticos e análise aprofundada de casos.

A colaboração estabelecida com a Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), Lar Jolie, situada em Teresópolis no bairro de Albuquerque foi vital. Essa parceria possibilitou visitas supervisionadas e atividades práticas, oferecendo aos discentes a oportunidade de interagir diretamente com a população idosa, mesmo diante das restrições de horário. Essa vivência foi essencial para aprofundar a compreensão dos estudantes sobre a rotina institucional, a vulnerabilidade, a autonomia e as particularidades do processo de envelhecimento.

Os alunos que possuíam disponibilidade para participar das atividades no período vespertino foram organizados em dois grupos, distribuídos em dias distintos, o que lhes proporcionou a oportunidade de vivenciar e compreender, de forma direta, essa etapa do ciclo da vida, a velhice. Durante as visitas, puderam interagir com idosos lúcidos, absorvendo experiências significativas e ampliando a compreensão, de maneira ativa e real, dos impactos do envelhecimento nos âmbitos socioeconômico, cultural e biopsicossocial.

Os discentes levaram instrumentos terapêuticos desenvolvidos e confeccionados por eles próprios, os quais foram utilizados junto aos idosos de forma integrada e dinâmica. Essa vivência possibilitou a identificação das limitações individuais, configurando-se como um recurso de grande relevância para o delineamento de estratégias de intervenção personalizadas, de acordo com as necessidades específicas de cada idoso.

Aos alunos que não puderam participar das atividades no período da tarde, foi oferecida a possibilidade de atuação no CIAS – Centro Integrado de Assistência em Saúde do UNIFESO, no Campus Quinta do Paraíso. Organizados igualmente em grupos e em dias alternados, no período da manhã, os estudantes puderam dialogar com adultos e idosos na recepção da unidade, enquanto aguardavam atendimento. Nesse contexto, foi possível, ainda, aplicar instrumentos avaliativos de natureza proprioceptiva e cognitiva.

Com vistas a garantir a participação de todos os alunos nesse cenário de aprendizagem tão enriquecedor, realizou-se também a visita à ILPI Lar Jolie no período noturno. Nessa ocasião, foi possível interagir com alguns idosos que apresentavam condições para tal, considerando que muitos são acometidos pela chamada “síndrome do pôr do sol” ou “síndrome do entardecer”, condição que pode ocasionar maior agitação no período noturno.

ARTICULAÇÃO TEÓRICA E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

A experiência na ILPI também contribuiu diretamente para o desenvolvimento de competências socioemocionais cruciais, como a empatia, a escuta sensível, a postura ética e a percepção contextualizada das necessidades dos usuários. Essas habilidades reforçam o entendimento de que a Terapia Ocupacional se estrutura na tríade entre o sujeito, o ambiente e a atividade.

O processo de envelhecimento foi um dos eixos temáticos centrais do período letivo, sendo abordado em suas múltiplas facetas. Partindo da premissa de que o envelhecimento é um complexo fenômeno biopsicossocial, as aulas teóricas exploraram a influência de fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais. O objetivo era que os futuros terapeutas compreendessem as diversas manifestações do envelhecer e como elas repercutem no desempenho ocupacional.

Foram examinadas as patologias mais prevalentes na população idosa – como demências, osteoartrite, perdas/déficits cognitivos, saúde sexual do adulto ao idoso, distúrbios cardiovasculares, entre outros e suas conexões com possíveis estratégias de intervenção da Terapia Ocupacional. Essa abordagem integradora enfatizou a necessidade de ver o idoso como um indivíduo ativo, cuja participação social e autonomia devem ser continuamente estimuladas e resguardadas.

PRODUÇÃO DE MATERIAIS TERAPÊUTICOS E RACIOCÍNIO CLÍNICO

Mesmo com as limitações inerentes ao período noturno, diversas atividades práticas foram executadas em sala, visando aprimorar o raciocínio clínico, a criatividade e a capacidade de planejamento terapêutico dos estudantes. Houve a produção e experimentação de materiais, e alguns alunos puderam realizar atividades com pacientes no Centro Integrado de Assistência em Saúde (CIAS) do UNIFESO, conforme sua disponibilidade de horário.

As produções desenvolvidas incluíram a criação de recursos para o treino de memória operacional e episódica, jogos adaptados para estimulação cognitiva, dispositivos voltados para a propriocepção e o equilíbrio, e instrumentos destinados ao desenvolvimento da coordenação motora. Também foram criadas atividades significativas fundamentadas nas rotinas diárias de idosos. A elaboração desses instrumentos permitiu aos alunos não apenas assimilar os princípios teóricos das intervenções, mas também desenvolver competências cruciais como a análise detalhada da atividade, o planejamento terapêutico e a adaptação de recursos.

APRENDIZADOS COLETIVOS E CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE

Durante o ano letivo, estabeleceu-se um processo dinâmico de construção e aprendizado mútuo entre estudantes e docentes. Cada obstáculo encontrado, seja o cansaço noturno, as dificuldades estruturais nas práticas externas ou a necessidade de ajustes constantes no planejamento foi transformado em um momento de reflexão e tomada de decisões conjuntas. O elevado nível de criatividade, dedicação e empenho demonstrado pela turma foi crucial para consolidar a identidade inicial do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O LEGADO DA TURMA PIONEIRA

O registro dessas vivências reafirma que a formação profissional é um processo coletivo, situado e construído de forma contínua. Os desafios não atuaram como fatores desmotivadores; pelo contrário, impulsionaram a inovação pedagógica, a criação de soluções e a reflexão. As conquistas alcançadas são o resultado do compromisso institucional, da dedicação docente e do engajamento dos alunos.

A jornada da primeira turma estabeleceu um legado importante, reforçando que a formação em Terapia Ocupacional exige rigor científico, sensibilidade, criatividade e um forte compromisso ético e humano. Este percurso inicial, fundamentado em esforços compartilhados, estabelece uma base robusta para o aperfeiçoamento constante do curso de graduação em Terapia Ocupacional do Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNFESO e para a consolidação de uma formação crítica, humana e socialmente engajada. Ao documentar estas experiências, espero ter contribuído de forma satisfatória para a memória institucional e para o debate sobre os processos formativos em cursos recém-implantados, onde o potencial e o desafio coexistem.

Agradeço por ter feito parte deste momento tão importante e espero ter contribuído de forma satisfatória para a formação destes futuros profissionais.

Abraços
Dirley P. Brito

A CONFEÇÃO DA PRIMEIRA ÓRTESE

Wilton Fernandes Soares Neto

Na disciplina de Terapia Ocupacional em Neurologia, que é ministrada para os alunos do terceiro período, houve como um dos tópicos apresentados o Acidente Vascular Cerebral (AVC). Esta patologia apresenta uma das principais causas de incapacidade e, conseqüentemente, uma das principais causas de mortalidade. É classificada como AVC isquêmico ou AVC hemorrágico, podendo ocorrer predominantemente em adultos de meia-idade e em idosos, e que possui um grande impacto na saúde e nas famílias dos pacientes. Suas sequelas podem trazer um grande impacto na vida dessas pessoas, e essas incapacidades irão afetar diretamente o desempenho ocupacional de quem sofreu um AVC. (Ministério da Saúde, 2023).

A espasticidade, que tem como característica a disfunção neuromotora decorrente de uma lesão no neurônio motor superior, está associada à fraqueza muscular e à diminuição da amplitude de movimento articular, sendo uma das sequelas que o paciente acometido pelo Acidente Vascular Cerebral pode apresentar. Essa sequela apresenta prejuízos nos pacientes devido às dificuldades que eles têm na realização de suas atividades de vida diária, que vão da mais simples, como escovar dentes, abotoar uma camisa e até segurar um copo, por exemplo, até a volta ao trabalho. (Vargas; Rodrigues, 2022).

Diante disso, observamos o quanto a Terapia Ocupacional pode contribuir com esses pacientes, que apresentam sequelas decorrentes do AVC. Após o conteúdo ministrado, foi realizada uma prática em sala de aula sobre a confecção de uma órtese de baixo custo. Essa órtese auxilia os pacientes a não apresentarem deformidades nas mãos, decorrentes das sequelas.

Para poder realizar essa órtese foi solicitado aos alunos que comprassem e levassem os seguintes materiais: tesoura, atadura gessada, atadura crepom e malha tubular. Esses materiais que possuem baixo valor de mercado, facilitam sua aquisição e, conseqüentemente, sua confecção. Foram informados que esse tipo de órtese apresenta um custo-benefício mais baixo, porém o material não pode ser remodelado, sendo necessário refazê-lo semanalmente.

Depois de toda orientação, iniciou-se a preparação para a confecção da órtese. O primeiro passo da confecção é a realização do molde, que deve ser feito de acordo com a mão do paciente; nessa prática, foi realizado com a mão dos próprios alunos. Logo em seguida, os alunos tiveram que cobrir todo molde com a atadura gessada e, em seguida, cortar. Após esses dois passos, foi solicitado que os alunos formassem duplas para iniciar a confecção. Os alunos vestiam a malha tubular no braço em que seria confeccionada a órtese, em seguida molhavam a atadura gessada, retiravam o excesso e posicionavam para ir ajustando a órtese na mão do paciente fictício. Foram orientados a colocar a mão do paciente de acordo com a posição anatômica, observar se poderiam causar algum tipo de pressão, devido a alguma proeminência óssea, arredondar as pontas e alisar para que fosse feito o acabamento. Após isso, aguardava-se o tempo de secagem e, em seguida, envolvia-se a atadura crepom para finalização.

Durante todo o processo da prática de confecção da órtese, foi observado um grande engajamento dos alunos, que pela primeira vez tiveram a oportunidade de confeccionar uma órtese, podendo ficar mais próximos da prática profissional, o que demonstra o quanto os alunos, ao ingressar na vida acadêmica, gostam de “colocar a mão na massa”, querem experimentar, vivenciar a prática da futura profissão que escolheram e que essas são experiências que irão vivenciar em seu dia a dia profissional após a conclusão do curso.

Pode-se notar que, quando existe em sala de aula a junção do conteúdo teórico com a prática, os alunos apresentam mais interesse pelo conteúdo, conseguem refletir sobre o conteúdo, são mais participativos e, conseqüentemente, fixam o conteúdo que foi proposto para aquela aula, além de proporcionar experiências que podem gerar também incertezas. (Souza, Viero & Emerick, 2024).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

SOUZA, I. B. de; VIERO, A. S.; EMERICK, L. B. B. R. (2024).] Evidências Científicas Sobre Metodologias Ativas No Ensino Superior: Uma Revisão Integrativa. **SciELO Preprints**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/scielopreprints.9060>

ARGAS, I. M. P. de; RODRIGUES, L. P. Correlação entre espasticidade do membro superior e movimentação da mão no pós-AVC. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 29–36, 2022,. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-2950/20030129012022pt>